Nelson Rodrigues

1ª MONTAGEM
EM 1958

Os sete gatinhos

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

NELSON RODRIGUES

Os Sete Gatinhos

Peça em três atos

Personagens

BIBELOT

AURORA

GORDA

DÉBORA

NORONHA

ARLE TE

HILDA

SILENE

SAUL

DR. PORTELA

DR. BORDALO

Primeiro ato

Primeiro Quadro

(Aurora conhecera Bibelot na véspera. Ele estava de branco e, diga-se de passagem, foi o terno engomado, fresquinho da tinturaria, que primeiro a impressionou. Era um rapaz taludo, de 25 a 30 anos, largo de costas, um bigodinho aparado e cínico, uns lábios bem desenhados para o beijo e os olhos de um azul inesperado e violento. Usava a camisa fina, transparente, entreaberta na altura do primeiro botão, vendo-se a medalhinha de um santo qualquer. Durante a ação, Bibelot beija, constantemente, a medalhinha. Aurora e o rapaz conversavam em cima do meio-fio enquanto não vinha a condução. Moravam ambos no Grajaú e esta coincidência foi uma facilidade a mais. E quando veio o ônibus, apinhado, viajaram em pé, cada qual pendurado na sua argola. Depois; ao despedirem-se, ficou marcado um novo encontro para o dia seguinte. Agora viam-se pela segunda vez. Aurora saíra da autarquia, onde trabalhava, às cinco em ponto. Encontrou-o na esquina combinada e, novamente, de branco, Bibelot inclina-se.)

BIBELOT (baixo e caricioso) — Lindas.

AURORA — Acha?

BIBELOT — Você fica um estouro de azul!

AURORA (numa alegre mesura) — Merci!

BIBELOT — Qual é o programa?

AURORA — Fila de ônibus!

BIBELOT — Queres um palpite?

AURORA — Qual?

BIBELOT — É o seguinte: em vez de ônibus ou lotação, podia-se ir de bonde.

AURORA (tentada) — De bonde?

BIBELOT — Assim a gente ia sentada, batia-se um papinho e outros bichos!

AURORA (com frêmito delicioso) — Topo!

BIBELOT (alegre) — Então, vamos embora!

AURORA — Antes que eu me esqueça, uma coisa que eu estou para te perguntar, desde ontem: por que é que o pessoal te chama de Bibelot?

BIBELOT (achando graça) — Bem é porque.

AURORA (sem saber explicar) — Acho um apelido tão não sei como!

(Bibelot vacila. Pigarreia. Ri.) BIBELOT — Me chamam de Bibelot pelo seguinte: tem uns caras que acham que eu dou sorte com mulher.

AURORA (deleitada) — Gosto do teu cinismo!

(Os dois andam alguns passos. Bibelot estaca.) BIBELOT — Espera!

AURORA — Que é?

BIBELOT — Bolei outra ideia!

AURORA — Olha a hora!

BIBELOT — E cedo.

AURORA — Diz.

BIBELOT — Primeiro responde: você é corajosa?

AURORA — Que espécie de coragem?

BIBELOT (tirando um pigarro) Coragem para ir a um lugar, assim, assim.

AURORA (rápida) — Tira a mão!

BIBELOT — Vai?

AURORA — Onde?

BIBELOT — Lá.

AURORA — Depende.

BIBELOT — Ta ser bacana!

AURORA — Onde é?

BIBELOT — Copacabana.

AURORA (com o pânico da distância) — Longe!

BIBELOT — De táxi, é um pulo. E olha: tem vitrola, ponho uns discos e ouve-se música.

AURORA (com doce ironia) — Só?

BIBELOT (um pouco incerto) — Te dou uns beijinhos e pronto.

AURORA — Só beijinhos e nada mais?

BIBELOT — Lógico!

AURORA (suspirando) — Vocês homens!

BIBELOT (sôfrego) — Te juro! O apartamento não é meu, é de um amigo, que está fora.

Ele me deu a chave e, além da chave, tem ferrolho, a gente fecha por dentro, não há o menor perigo, sua boba! E o edifício é residencial, discretíssimo!

AURORA (doce e triste) — Que ideia você faz de mim?

(Bibelot atrapalha-se.) BIBELOT — Ideia como? (incisivo) A melhor possível, ora!

AURORA (incisiva também) — Mentira! Você me viu ontem, pela primeira vez, numa fila de ônibus. Eu nem te conheço. Te conheço? Fala!

BIBELOT — Não me conheces, Aurora?

AURORA — Nem sei onde você trabalha!

BIBELOT — Não seja por isso. Te conto, já, a minha vida todinha. Olha: trabalhei na P.E.

e me puseram de lá pra fora.

AURORA — Por quê?

BIBELOT — Dei uns tiros num cara. Folgou comigo e já sabe.

AURORA (com certo deslumbramento) — Morreu?

BIBELOT — O cara? (faz um gesto como se lavasse as mãos) Não sei, não quero saber e tenho raiva de quem sabe.

AURORA — E agora?

BIBELOT — Estou parado, até ver que bicho dá.

AURORA (rápida, à queima-roupa) — Você é casado?

BIBELOT (com breve hesitação) — Sou.

AURORA — Logo vi!

BIBELOT - Por quê?

AURORA — Quando gosto de um cara é casado!

BIBELOT — Bem, mas a minha patroa fez uma operação, tirou útero, Ovários e...

AURORA — Não sente mais prazer?

BIBELOT — É, deixou de ser mulher. Chato pra burro! (muda de tom) Como é? Vamos?

AURORA (ergue o rosto duro) — Eu, não! Absolutamente!

BIBELOT (sôfrego) — Passamos lá meia hora no máximo!

AURORA (ressentida) — Você entrou de sola, meu filho!

BIBELOT (atônito) — Eu?

AURORA - Já quer me empurrar pra um apartamento! Sem um romancezinho!

BIBELOT — Aurora, escuta!

AURORA (veemente) — Se, por acaso, eu fosse a esse apartamento contigo. Vamos imaginar. E meu pai?

BIBELOT (atarantado) — Você me interpretou mal! Não me compreendeu!

AURORA — Compreendi, sim. Mas responde: e meu pai?

BIBELOT — Que é que tem teu pai?

AURORA (enfática) — Meu pai mudou muito. Antigamente, não ligava. Mas agora descobriu uma tal religião Teofilista. Acho que é: Teofilista. Dá cada bronca, menino! E virou vidente!

BIBELOT — Ué, vidente?

AURORA (com certa vaidade) — Vidente, sim, senhor! Ouve vozes, enxerga vultos no corredor. De amargar! Olha: você quer saber quem é meu pai? Vou te contar uma que vais cair pra trás, duro! Depois que ficou religioso (com maior

ênfase) não admite papel higiênico em casa, acha papel higiênico um luxo, uma heresia, sei lá!

BIBELOT — Quer dizer, um casca de ferida!

AURORA — Meu pai?

BIBELOT — Estou besta!

AURORA (completando a frase anterior) — Como meu pai nunca vi! E, lá na Câmara, não faz graça pra ninguém!

BIBELOT — Que Câmara?

AURORA — Dos Deputados.

BIBELOT (com novo interesse) — Ele é o que lá?

AURORA (com breve vacilação) — Funcionário.

BIBELOT (animado) — Vem cá: se teu pai trabalha na Câmara, talvez tenha influência...

Quem sabe se teu pai não podia arranjar uma marreta pra eu voltar à P.E.? Lá ele é funcionário importante?

AURORA (desconcertada) — Bem.

BIBELOT — E?

AURORA (em brasas) — Contínuo.

BIBELOT (amarelo) — Sei.. . (muda de tom) Quer dizer que ao apartamento você não vai?

AURORA — Não.

BIBELOT — Paciência.

(Bibelot faz um aceno com os dedos e afasta-se alguns passas.) AURORA (aflita) — Aonde é que você vai?

BIBELOT — Até logo.

AURORA — Vem cá.

BIBELOT — Minha filha, eu não forço a natureza de ninguém. Nem é meu feitio. Quer, muito bem. Não quer, tanto faz. Bye, bye.

(Bibelot quer afastar-se, novamente. Aurora, sôfrega, agarra-lhe o braço.) AURORA — Escuta: e se eu disser que mudei de opinião?

BIBELOT — Batata?

AURORA (no seu brusco desejo) — E se eu disser que gostei de ti?

BIBELOT — Duvido.

AURORA (transfigurada) — Sabe que você fica muito bem de terno branco? Ontem, eu te vi de branco e hoje também. E o mesmo temo?

BIBELOT (na sua vaidade) — Outro! Só uso branco! Tenho dez ternos como esse em casa. Ponho um por dia, chova ou faça sol!

AURORA (fascinada) — Que bom!

BIBELOT (mais taxativo) — Vamos ao que interessa! Você vai ou não vai?

AURORA — Presta atenção: eu me lembrei que, hoje, há sessão noturna na Câmara e papai chega tarde. Disponho de mais tempo.

BIBELOT — Até que enfim, puxa!

AURORA — Mas calma! (muda de tom) Você tem dinheiro?

BIBELOT — Como dinheiro?

AURORA — Tem?

BIBELOT (incerto) — Algum.

AURORA — Quanto, mais ou menos?

BIBELOT (sem entender) — Mas finalmente qual é o drama?

AURORA (feliz) — Não há drama. Eu sou assim, de veneta, percebeu? Quando cismo com um camarada, já sabe: topo qualquer parada. E tarei, não sei se por você, se pelo terno branco, sei lá. Resolvi ir ao apartamento contigo, pronto!

BIBELOT — O diabo é encontrar um táxi a essa hora!

AURORA — Mas uns quinhentos cruzeiros você tem, não tem?

(Bibelot estaca. Vira-se para a pequena. Está na maior contusão.) BIBELOT — Quinhentos cruzeiros?

AURORA — Meu filho, eu costumo cobrar mil e quinhentos, dois mil e até três mil cruzeiros. Pago só pelo quarto quinhentos, mas como você arranja o apartamento, (pausa) dá só quinhentos, está bem?

BIBELOT — Vem cá: olha pra mim.

AURORA — Pronto.

BIBELOT — Diz: você quer tomar dinheiro de mim?

AURORA (sôfrega) — Quinhentos e pode chamar o táxi!

BIBELOT (estrebucha) — Está de porre?

AURORA (desesperada de desejo) — Menos não posso!

BIBELOT — Nem um tostão!

AURORA (quase chorando) — Escuta, gostei de ti e te digo mais: um terno branco, fresquinho da tinturaria, me põe maluca, doida! Mas eu preciso dos quinhentos cruzeiros.

Preciso, ouviu? (suplicante) Tenho despesas fixas e prometi a mamãe. Palavra de honra: o dinheiro não é pra mim!

BIBELOT — Minha filha, nunca dei um vintém a mulher nenhuma! Nem dou!

(Aurora, que estava agarrada a ele, desprende-se, no seu despeito de fêmea.) AURORA — Já sei. Elas é que te dão!

BIBELOT (brutal) — Ou isso!

AURORA — Você tem toda a pinta de cafetão!

BIBELOT — E daí?

(Aurora tem uma pane de vontade. Agarra-se a Bibelot, novamente.) AURORA — O diabo é que eu gosto de ti assim mesmo!

BIBELOT — Então, vem.

(Bibelot puxa a pequena.) BIBELOT — Olha um táxi livre. Vamos apanhar aquele!

(Os dois correm. Aurora vai puxada. Duas cadeiras de frente para a plateia representam o táxi.) AURORA (sentando-se) — Mas de graça, não, meu filho!

(Bibelot estica as pernas, eufórico. De vez em quando, os dois procuram sugerir o movimento do automóvel: carregam as cadeiras como se o táxi dobrasse esquinas, tirasse finos ou corresse em ziguezague.) BIBELOT (para o chofer invisível) — Barata Ribeiro, nossa amizade. (para Aurora, feliz) Ah, eu preciso ter sempre uma mulher na zona!

AURORA (insultada) — Mas eu não sou da zona, o que é que há?

BIBELOT (na euforia do táxi) — Azar o teu!

AURORA — Não sei por quê.

BIBELOT (feliz) — Porque gostar mesmo eu só gosto de mulher bem esculachada! Queres ver um exemplo? Arranjei um broto espetacular. Tem um corpo, e que corpo! E uns 17 anos, no máximo.

AURORA — Virgem?

BIBELOT — Era. Mas já sabe: foi comigo no apartamento, começamos naquele negócio e fiz o serviço completo. Mas é uma menina tão purazinha que eu fico pensando: ora bolas! Menina de família, não sei, me chateia!

AURORA — Jura que não gosta desse broto? Jura!

BIBELOT (caindo por cima de Aurora, como se o automóvel tivesse feito uma curva fechada) — Curva gostosa... (muda de tom) Se eu gosto? Sei lá! Mas o broto me adora, me põe nas nuvens!

AURORA (mordida de ciúmes) — Jura por Deus que não gosta do broto! Olha, por Deus!

BIBELOT (trocista) — Jurar por Deus?... Eu não acredito em nada, quer dizer...

(apanha o santinho do pescoço) Só acredito nesse aqui.

(Bibelot beija o santinho do pescoço.) AURORA — Então jura pelo santinho do pescoço!

BIBELOT — Jurar, não juro, não senhora! Mas dou a minha palavra: eu prefiro assim, como você que tem um quê de mulher da zona.

AURORA — Mulher da zona, vírgula! E que mania! Eu faço a vida, mas não é com qualquer um. Só com conhecidos ou, então, com pessoas apresentadas. Moro com meus pais e tenho que dar satisfações a minha família. Tenho emprego no Instituto e minha mãe sabe dos meus arranjos, mas meu pai nem

desconfia.

BIBELOT (puxando-a) — E chato ser gostosa!

AURORA (ralhando) — Fica quieto! (muda de tom) E olha: tenho que fazer tudo muito escondido, numa moita danada. Não é todo dia, não. Duas ou três vezes por semana.

Assim entre cinco e oito da noite. Mas o que você não sabe, nem imagina, é porque é que eu dou meus pulinhos.

BIBELOT — Chega pra cá!

(Bibelot atira-lhe bruscamente um beijo no pescoço. Aurora eletriza-se de volúpia.) AURORA (no seu frenesi) — No pescoço não, que eu fico, olha só. Estou gelada (ralha, baixo) Aqui, não! Olha o chofer... (muda de tom) Deixa eu te contar: a minha vida dá um romance! Vai escutando. Lá em casa nós somos cinco mulheres. Da penúltima para a caçula, houve um espaço de 10 anos. As quatro mais velhas não se casaram. Sobrou Maninha, que está agora com 16 anos, no melhor colégio daqui. E essa nós queremos, fazemos questão, que se case direitinho, na igreja, de véu, grinalda e tudo o mais Nós juntamos cada tostão para o enxoval.

BIBELOT (num meio riso sórdido) Hoje, ninguém dá bola pra virgindade!

AURORA — Não dá você, mas nós damos, ora que teoria! (muda de tom) Também uma coisa eu te digo: o casamento de Maninha vai ser um estouro. Nem filha de Mattarazzo, compreendeu? Posso vender meu corpo, tal e coisa, mas o dinheirinho vai direto para o enxoval. Eu fico só com o ordenado do emprego.

(Bibelot apruma-se no táxi imaginário.) BIBELOT — Estamos chegando!

AURORA (sôfrega, segurando-o pelo braço) — Não é para mim os quinhentos cruzeiros: é para o enxoval de Maninha!

BIBELOT (sem ouvi-la, apontando) — Aquele edifício. Ali, logo no segundo andar!

AURORA — Todo o dia eu preciso levar para casa uma certa quantia!

BIBELOT (para o chofer) — Pode encostar à direita. (para Aurora, brutalmente) Paga o táxi!

AURORA (atônita) Eu?

BIBELOT — Estou duro!

(Bibelot salta do carro.) AURORA — Vem cá!

(Estupefata, Aurora abre a bolsa. Balbucia a pergunta.) AURORA — Quanto? Noventa e três?

(Entrega cédulas amarrotadas ao invisível chofer. Desesperada, sai do carro. Bibelot espera-a, na porta do edifício.) AURORA — Bonito papel!

BIBELOT — Não tenho níquel!

AURORA (na sua indignação) — Ora veja!

(Bibelot puxa Aurora pelo braço.) BIBELOT — Vamos entrar!

AURORA (no seu despeito) — Aposto que o broto você trata na palma da mão!

(Entram e param numa suposta escada.) BIBELOT (sôfrego) — Dá um beijo!

(Aurora, assustada, olha para os lados.) AURORA — Aqui?

BIBELOT — Não tem ninguém!

AURORA (já em abandono) — Então, rápido!

(Beijam-se, ali mesmo, com desesperado amor. A pequena tem um soluço, no seu deslumbramento de fêmea.)

AURORA.— Cão!

BIBELOT (na impaciência do desejo) — Vamos pela escada. São só dois andares.

(Bibelot puxa-a pela mão. Aurora ainda resiste.)

AURORA (num apelo) — Os quinhentos cruzeiros são para o enxoval!

BIBELOT (brutal) — Não chateia!

AURORA (desesperada) — Pelo menos, o dinheiro do táxi, noventa e três cruzeiros!

BIBELOT — Não quero conversa! Vamos embora!

(Aurora deixa-se intimidar por uma vontade mais forte. Acompanha Bibelot. Caminham circularmente pelo palco, como se estivessem escalando os dois andares. Entram no apartamento.)

AURORA (em volúpia) — O broto também veio aqui?

BIBELOT (eufórico e brutal) — Naquela cama!

(Começa o breve e desesperador balé do ato amoroso. Simbolicamente, os dois estão se despindo. Arrancam de si roupas imaginárias. Bibelot que, teoricamente, tirara o paletó e a camisa, apanha o revólver de verdade e, ofegando, esvazia de balas o tambor.)

AURORA (desabotoando o sutiã) — Que é isso?

BIBELOT (arquejando e rindo) — Já disseram que uma mulher da zona ia me dar um tiro.

(feroz e triunfante) E se você quiser me matar, atira, anda, atira com um revólver sem balas! (Bibelot ri bestialmente. Joga fora o revólver e põe as balas em cima de qualquer móvel. Para todos os efeitos, arrancaram todas as roupas. Devem estar nus.)

AURORA (numa exibição do próprio nu) — Que tal a classe? Sou páreo pra teu broto?

(numa alucinação, trincando os dentes de volúpia) Vem! Vem, seu cão!

(Bibelot beija o santinho do pescoço. Então, à distância, sem se tocarem,

vivem o bárbaro desejo. Súbito, Aurora começa a rir, numa medonha histeria. Esganiça, estilhaça o riso.)

AURORA (em delírio) — Me xinga! Me dá na cara!

FIM DO PRIMEIRO QUADRO

Segundo Quadro

(Casa do “seu” Noronha, pai de Aurora, numa rua que faz esquina com o Bulevar 28 de Setembro. Débora, filha do “seu” Noronha e de D. Aracy, vem entrando. D. Aracy enxuga um prato, na porta da cozinha.) DÉBORA (olhando em torno) — Papai já chegou?

D. ARACY — Tem sessão noturna!

DÉBORA — Ah, é mesmo! Hoje tem (muda de tom) Mamãe, vem cá, mamãe! Estou com a minha cara no chão!

D. ARACY — Fala, criatura!

DÉBORA — Ih! deixa eu me sentar.

(Senta-se. Tira os sapatos. Geme. Acaricia os pés.) DÉBORA (suspirando) — Preciso ir ao pedicure. (sem transição) Imagina a senhora: sabe de onde eu vim?

D. ARACY —. “Da” onde?

DÉBORA — Da loja do “seu” Saul! Parei lá para dar um telefonema. Estava falando no telefone, de costas. De repente, vem alguém, por trás, e põe na minha mão um canudinho de papel. Tomei aquele susto e me viro. A princípio pensei, nem sei o que pensei. Era o “seu” Saul!

D. ARACY — “Seu” Saul tem a mania de fazer gracinhas!

DÉBORA — Mas deixa eu continuar: ele viu que tinha me assustado e sabe o que ele me disse? Disse lá na língua dele: “Meu filha, não precisa se assustar. Velho não ter sexo!”

D. ARACY (incisiva) — Os velhos têm vícios!

DÉBORA (piscando o olho) — Deixa ele! (muda de tom) Então, Ou... (Entra “seu”

Noronha, chefe da família, com seu uniforme de contínuo da Câmara dos Deputados.) D. ARACY — Ué, teu pai!

DÉBORA (virando-se) — A bênção, papai!

“SEU” NORONHA (abreviando a resposta) — Te abençoe!

D. ARACY — Não teve sessão noturna?

“SEU” NORONHA (tirando o paletó) — Morreu um deputado. (andando de um lado para outro) Gorda, arranja um jornal.

D ARACY (para a filha) — Apanha um jornal.

“Seu” NORONHA (angustiado) Não sei que foi que eu comi..

(Débora traz o jornal, que o pai apanha. “Seu” Noronha vai para o interior da casa.) D ARACY (para Débora) — Conta o resto.

DÉBORA (acariciando um dos pés) — Estou com um vasto calo! (muda de tom) Pois é.

Então, fui olhar o papel e fiquei besta: era um cheque, mamãe, um cheque!

D ARACY — Pra ti?

DÉBORA — Pra mim.

D. ARACY — De quanto?

DÉBORA — Dá um palpite!

D ARACY — Assim não sei.

DÉBORA (triunfante) — Dez mil cruzeiros, mamãe, de mão beijada!

D ARACY — Isso é o que eu não entendo, O que é que ele anda querendo? Sim, há de querer alguma coisa, mas o quê?

DÉBORA — O que ele quer, não sei! Ainda me repetiu na saída: “Amizade valer mais que sexo!”

D. ARACY (recebendo o cheque e lendo) — Ao portador, ótimo! Dez mil cruzeiros!

Amanhã, já vou botar na caixa, na conta do enxoval!

(E, súbito, “seu” Noronha irrompe, na sala, aos berros. Tem um suspensório caído, que ele, na sua fúria, trata de repor.) “SEU” NORONHA — Gorda!

D. ARACY — Que é que há?

“SEU” NORONHA — Então, que negócio é esse?

D. ARACY (sem entender a violência) — Mas criatura!

“SEU” NORONHA — Vai lá no banheiro! Anda, vai! É o cúmulo!

D. ARACY — Está entupido, outra vez?

“SEU” NORONHA — Entupido o quê! (muda de tom e, furioso, anda de um lado para outro) Eu chego em casa, com a minha boa cólica, vou ao banheiro e, lá, encontro a parede toda rabiscada de nomes feios, desenhos obscenos!

D. ARACY — Onde?

“SEU” NORONHA (num berro) —.- No banheiro! (arquejando) Isso na minha casa!

D ARACY (desconcertada) — Eu vou lá!

“SEU” NORONHA — Fique! Não precisa ir lá, não, senhora! O que eu quero saber é quem foi!

D. ARACY — Eu é que sei?

“SEU” NORONHA (ameaçador) — Ah, não sabe?

D. ARACY (também violenta) — Você com os seus coices!

(“Seu” Noronha estaca diante da mulher. Encosta-lhe a mão no rosto.) “SEU” NORONHA — Coice é mão na cara!

DÉBORA - Papai, o senhor está se excedendo!

D. ARACY (recuando) — Nem meu pai me bateu!

“SEU” NORONHA (abrindo os braços para as nuvens) — Isso é lar?

D ARACY - Apanhar de marido por quê?

“SEU” NORONHA (para a mulher) Cala a boca, Gorda!

DÉBORA. (conciliatória) — Papai fazendo um bicho de sete cabeças!

“SEU” NORONHA — Cadê as meninas?

DÉBORA — Eu estou aqui, papai.

“SEU” NORONHA — As outras! Quero as outras! Todas!

D. ARACY (para Débora) — Chama tuas irmãs! (falando sozinha) Nunca apanhei!

DÉBORA (esganiçando a voz) — Arlete! Hilda!

“SEU” NORONHA (para si mesmo) — E o fim! E a Gorda ainda me diz que não tem nada com o peixe!

(Arlete surge. Está de sutiã e anágua. Por trás de Arlete aparece Hilda. Com a axila ensaboada, Hilda raspa com a gilete debaixo do braço. “Seu” Noronha, de costas, não vê as duas filhas.) ARLETE — Que é?

DÉBORA — Papai está chamando!

ARLETE — Chamou, papai?

(“Seu” Noronha vira-se e dá com a filha em trajes íntimos.) “SEU” NORONHA (com odiento sarcasmo) — Minha filha é aquilo!

ARLETE (entredentes) — Já começou, papai?

“SEU” NORONHA — Que trajes são esses?

ARLETE (insolente) — Estou na minha casa!

“SEU” NORONHA (num crescendo) — Tem coragem de falar com o seu pai, nua?

ARLETE — Eu não estou nua!

“SEU” NORONHA — Está nua, sim, senhora! Vá se vestir, já disse!

ARLETE — Ora, na praia eu uso biquíni!

HILDA — Não provoca papai!

ARLETE (num muxoxo) — Olha a puxa-saco!

(Aproxima-se Hilda. Arlete apanha uma blusa e vem vestindo a blusa.) “SEU” NORONHA — Está faltando Aurora!

D. ARACY — Ainda não chegou.

“SEU” NORONHA — Ótimo, não chegou! Chega à hora que quer, não dá bola, não dá pelota!

ARLETE — De mais a mais, Aurora é de maior idade e... O que é que há papai, porque eu vou ao cinema e está em cima da hora!

“SEU” NORONHA (muda de tom) — Bem. antes de começar, eu quero explicar uma coisa. E o seguinte: ainda agora, eu ameacei, fisicamente, sua mãe. Débora viu. Ora, eu não tenho o direito de ameaçar, fisicamente, ninguém. Acho

que quem dá na cara de alguém ofende a Deus. Portanto, eu, na presença de todas vocês, eu peço desculpas à Gorda. (vira-se para a mulher) Gorda, você me desculpe!

D. ARACY (veemente) — Você ofende, e, depois, pede desculpas?!

"SEU" NORONHA (triunfante) — Vocês estão vendo? Não se pode tratar bem uma mulher. (para D. Aracy) A Gorda não aceita minhas desculpas! Lavo as minhas mãos!

(muda de tom) Mas vamos ao que interessa. Aconteceu, nesta casa, uma coisa que não podia acontecer. Débora sabe o que é. Vocês duas, ainda não, mas vão saber, já, já. Vou interrogar uma por uma. Quero a verdade e a culpada vai confessar tudinho! (para Arlete) Primeiro, você!

ARLETE (com ar de troça) — Perfeitamente.

"SEU" NORONHA (mudando de tom, baixo, quase doce) — Quero saber, e você vai dizer, quem é que anda escrevendo palavrões lá no banheiro!

ARLETE — Sei lá!

"SEU" NORONHA (à queima-roupa) — Ou foi você!

ARLETE — Ora, papai!

"SEU" NORONHA (num berro) — Responda direito!

ARLETE (olhando para o teto) — Já respondi!

"SEU" NORONHA (feroz) — A inocente! (muda de tom, olha em torno) Então, quem foi?

ARLETE —. Ninguém!

"SEU" NORONHA (histericamente) — Foi uma de vocês! Uma de minhas filhas!

(encarando, subitamente, com a mulher) Ou então a Gorda!

D. ARACY — Dê-se ao respeito!

"SEU" NORONHA (quase suplicante, para Débora) — Foi você?

DÉBORA — Papai, me tira disso!

"Seu" NORONHA (para Hilda) — Você há de ser outra inocente...

HILDA — Não tenho nada com isso.

"SEU" NORONHA (mais exasperado) — Quero saber quem esteve por último no banheiro! (para a mulher) Quem?

D. ARACY — Você.

"SEU" NORONHA — Está maluca?

D. ARACY — Criatura, você não saiu de lá agora mesmo, não veio de lá?

"SEU" NORONHA — Não se faça de engraçada! Pergunto quem esteve lá antes de mim!

ARLETE — Eu.

("Seu" Noronha estaca diante de Arlete.) "SEU" NORONHA (iluminado) —

Você! (lento) Sim, você; aqui, é a que tem boca mais suja; e a única que não topa a minha autoridade... (crispando a mão no seu braço) O que é que você foi fazer lá no banheiro?

ARLETE (rápida e triunfante) — Xixi!

"SEU" NORONHA — Cachorra!

("Seu" Noronha ergue a mão, coma se fosse esbofeteá-la. Mas a mão fica parada no ar.) ARLETE (em desafio) — Bate!

"SEU" NORONHA (ofegante) — Mas eu não devo bater.. Não tenho esse direito...

Preciso me controlar.

(E, súbito, deflagra-se o impulso. Esbofeteia violentamente a filha. Arlete cambaleia.) HILDA (num apelo histérico) — Papai!

(Já Arlete ergue o rosto duro.) ARLETE (como se cuspisse) — Contínuo!

"SEU" NORONHA (atônito) — Repete!

ARLETE (fremente) — Contínuo!

("Seu" Noronha dá-lhe nova bofetada.) ARLETE (estraçalhando, as letras) — Contínuo, sim, contínuo! Eu disse contínuo!

("Seu" Noronha ergue a mão! para a nova bofetada. E, novamente, a mão fica no ar. Hilda corre, atraca-se, soluçando, com o pai.) HILDA — Papai, eu tenho muita pena do senhor, ó papai! (desprende-se de "seu"

Noronha; vira-se para Arlete, grita) Não chame meu pai de contínuo!

"SEU" NORONHA (para si mesmo) — Contínuo. (arquejante) É claro que ninguém vai confessar nada.

DÉBORA — Papai, o senhor está nervoso!

("Seu" Noronha começa a exaltar-se novamente.) "SEU" NORONHA — Nervoso, eu? Logo eu? (num berro triunfal) Pelo contrário: apático!

ando apático! Se eu andasse nervoso, já tinha virado a casa de pernas pro ar, já tinha posto fogo nisso tudo!

HILDA (fala baixo) — Fala baixo, papai!

"SEU" NORONHA (sem ouvi-la) — Nervoso, os colarinhos! Minhas filhas saem do banheiro enroladas na toalha! Mudam de roupa com a porta aberta! Vejo, aqui, a três, por dois, minhas filhas nuas. Minto?

ARLETE (vingada) — Já chamei meu pai de contínuo e vou ao cinema.

(Arlete faz uma mesura alegre.) ARLETE — Com licença.

"SEU" NORONHA (feroz) — Não! (apelo) Vem cá, Arlete!

ARLETE (estacando) — Papai, depois que Maninha se casar, eu tenho umas boas para lhe dizer! Umas verdades!

"SEU" NORONHA (trêmulo) — Escuta, Arlete: eu fiz mal, mas é que... De fato, eu ando meio esgotado, nervoso, e, às vezes, engraçado, não me controlo...

Mas Arlete, eu te peço: senta um pouco. Senta, minha filha. Preciso que todas as minhas filhas —. e a Gorda — me ouçam. O que eu tenho a dizer prende-se à família. (mais calmo e sofrido começa a falar) Eu tive cinco filhas. Acompanhem meu raciocínio: quatro não se casaram.

ARLETE — Grande novidade!

"SEU" NORONHA (sem ouvi-la) — Qualquer vagabunda se casa. A filha do Tolentino, aqui do lado. Não se casou? Andava se esfregando em todo o mundo e não se casou?

Entrou na igreja, de véu e grinalda, que só vendo. Hoje, tem amantes, o diabo! (triunfante) Mas é casada, aí é que está! Casadíssima! E minhas filhas, não! (furioso) Por quê?

DÉBORA — Eu sou muito fatalista, papai!

HILDA — Não temos sorte!

"SEU" NORONHA — Não é sorte! Sorte, coisa nenhuma! (com voz estrangulada e lento) Tem alguém entre nós! Alguém que perde as minhas filhas!

D. ARACY — Quem?

"SEU" NORONHA (exasperado) — Alguém que não deixa minhas filhas se casarem!

D. ARACY — Diz o nome!

"SEU" NORONHA (furioso) — Não interessa nome! nem cara! (correndo as caras das filhas e da mulher; fechando os punhos) Eis não acredito em nomes, não acredito em caras! (com súbita inspiração) Esse alguém pode ser até (rápido e triunfante) o "seu"

Saul!

DÉBORA — Por que logo "seu" Saul?

D. ARACY — Até é camarada!

"SEU" NORONHA (num clamor) — O nome que se usa na Terra, a cara que se usa na Terra, não valem nada!

ARLETE — Eu acabo perdendo a porcaria desse cinema!

"SEU" NORONHA (sem ouvi-la) — Agora vem o importante. Eu sempre senti que as meninas, aqui, eram marcadas e, ontem, eu finalmente soube por que vocês são umas perdidas! Isto é, soube de fonte limpa, batata! Quem me explicou tudinho (enfático) não mente!

D. ARACY — E quem é ele?

"SEU" NORONHA (triunfante) — O Dr. Barbosa Coutinho! (toma respiração) O Dr.

Barbosa Coutinho, que morreu em 1872, é um espírito de luz! Foi médico de D. Pedro II e o melhor vocês não sabem: os versos de D. Pedro II não são de D. Pedro II. Quem escreveu a maioria foi o Dr. Barbosa Coutinho. D. Pedro II

apenas assinava. (triunfante) Perceberam?

(Arlete faz um gesto a significar que o pai está maluco.) “SEU” NORONHA — Vão ouvindo! (muda de tom) Eu sempre senti que havia alguém atrás de minha família, dia e noite. Alguém perdendo as nossas virgens! E como eu ia dizendo, ontem, o Dr. Barbosa Coutinho me confirmou que existe, sim, esse alguém.

Alguém que muda de cara e de nome. Pode ser um rapaz bonito ou, então, um velho como o “seu” Saul.

ARLETE — Ora, papai, o senhor acredita nesses troços!

“SEU” NORONHA — Quero te dizer só uma coisa, Arlete: você é assim malcriada comigo, sabe por quê? Porque é um médium, que ainda não se desenvolveu. (taxativo) Você se desenvolva, Arlete, ou seu fim será triste. E chega, ouviu? Chega! (novo tom) E, então, o Dr. Barbosa Coutinho mandou que eu olhasse no espelho antigo. (arquejante) Pois bem.

Olhei no grande espelho e vi dois olhos, vejam bem, dois olhos, um que pisca normalmente e outro maior e parado. (com súbita violência) O pior é que só o olho maior chora e o outro, não.

ARLETE — Isola!

D. ARACY — E como é o nome?

“Seu” NORONHA (furioso) Gorda, você não entende isso, Gorda! Nós usamos na Terra um nome que não é o nosso, não é o verdadeiro, um nome falso! (com esgar de choro) Esse alguém, que chora por um olho só, sabe que ainda temos uma virgem!

DÉBORA — Maninha.

ARLETE — Bate na madeira!

“SEU” NORONHA (quase chorando) — Silene, tão menina e tão virgem! (muda de tom) Mas eu juro! Não hei de morrer sem levar Silene, de braço, até o altar, com véu, grinalda, tudo!

D. ARACY — Se Deus quiser!

“SEU” NORONHA (estendendo as duas mãos crispadas para as filhas) — preciso salvar a minha virgenzinha, que nem sejas tem!

ARLETE (furiosa) — Não dá peso, papai!

“SEU” NORONHA (sem ouvi-la) — E vocês tratem de atrair, de trazer para cá o homem que chora por um olho só. O nome não interessa. Ele se trai por uma lágrima. O que interessa é a lágrima.

ARLETE — Até eu estou arrepiada!

“SEU” NORONHA — Eu avisei a vocês e vocês avisem a Aurora. Eu vi, no espelho antigo, vi, eu juro! E o Dr. Barbosa Coutinho não mente!

(“Seu” Noronha arranca um pequeno punhal de prata. Ergue o punhal, numa

cruel alegria.) “SEU” NORONHA — Meu punhal de prata!

(Crava-o numa mesa, ao lado. Vira-se para as filhas.) “SEU” NORONHA (desesperado) — Mas é preciso apunhalar o olhar que chora, o olhar da lágrima!

(Entra “seu” Saul. Gringo vermelho e sardento, com escassos cabelos louros. Sotaque acentuado.) “SEU” SAUL — Com licença.

D. ARACY — Ah, entre “seu” Saul!

“SEU” NORONHA — Pode entrar. (com ironia sensível) O senhor não morre tão cedo.

“SEU” SAUL — Boa noite.

“SEU” NORONHA (sarcástico) — Acabei de falar do senhor!

D. ARACY (para HILDA) — Apanha uma cadeira para “seu” Saul.

“SEU” NORONHA — Mas sente-se, “seu” Saul.

“SEU” SAUL — Oh não poder demorar. (para Hilda) Obrigada. (para “seu” Noronha) Vim só trazer recado do colégio do seu filha.

“SEU” NORONHA— De Silene?

“SEU” SAUL — Mandaram avisar que seu filha vem hoje pra casa.

“SEU” NORONHA _— Minha filha? Mas hoje como? Está doente?

“SEU” SAUL — Só disseram não se assustar que o ônibus do colégio vem trazer seu filha.

“SEU” NORONHA — Mas eu não entendo!

ARLETE (para as outras) — Que terá havido?

D. ARACY — Isso assim tão de repente!

“SEU” SAUL — Oh, com licença! Vou chegando.

“SEU” NORONHA — Gorda, acompanha “eu” Saul.

“SEU” NORONHA (apertando a cabeça entre as mãos) — Estranho isso!

D. ARACY (para “seu” Saul) — Obrigada e apareça.

“SEU” SAUL (para todos) — Boa noite.

“SEU” NORONHA (andando de um lado para outro) Não está me cheirando bem!

(Entra Aurora. Arlete corre ao seu encontro.) ARLETE— Maninha vem!

AURORA— Mentira!

DÉBORA— Vem sim!

AURORA - Quando?

ARLETE - Agora!

AURORA → Mas que maravilha!

(Súbito, “seu” Noronha corre para a mulher. Berra.) “Seu” NORONHA — Ia me esquecendo, Gorda! Chispa! Chispa, vai no banheiro apagar os nomes feios, os palavrões, depressa, Gorda!

FIM DO PRIMEIRO ATO

Segundo ato

Primeiro Quadro

(Mesmo ambiente: casa do “seu” Noronha.)

DÉBORA (correndo) — Chegou!

D. ARACY — Ih!

(Há correrias, atropelos. Todas se arremessam para a porta. Só o “seu” Noronha fica, por um momento, no meio da sala, de olhos fechados, a mão espalmada no peito.) “SEU” NORONHA (numa espécie de prece, baixo) — Oh, Silene!

(Súbito, em meio ao alarido da mãe e das irmãs, entra Silene, de roldão, com as outras. É uma menina bonitinha, mas um tanto enjoativa, que aparenta seus 15 ou 16 anos. Veste uniforme de colégio. De uma fragilidade de convalescente, fala com a afetação da pequena muito mimada. Atrás, de bengala e chapéu, um senhor calvo, grave, solene. D.

Aracy acompanha-o.) SILENE — Papai!

“SEU” NORONHA — Meu amorzinho!

D. ARACY Tenha a bondade, Dr. Portela!

Dr. PORTELA (pigarreando) — Com licença.

(Abraço de pai e filha. D. Aracy vem guiando o visitante.) D. ARACY (para Arlete) — Uma cadeira para o Dr. Portela.

DR. PORTELA — Ah, não precisa se incomodar!

(Arlete traz a cadeira. Dr. Portela sentando-se.) DR. PORTELA — Obrigado.

HILDA (sôfrega) — Mas que foi isso?

AURORA — Tão de repente!

D. ARACY (para o Dr. Portela) — Um momentinho, Dr. Portela!

(Vem para o grupo das filhas.) “SEU” NORONHA (sôfrego) — Como vai o apetite?

SILENE (na sua languidez) — Mesma coisa.

“SEU” NORONHA (baixo) — Melhorou dos vermes?

SILENE (com um esgar de repugnância) — Não gosto de tomar injeção!

ARLETE (docemente repreensiva) — Você é teimosa, Maninha!

“SEU” NORONHA (para os lados) — Deixa a menina! Não aborrece a menina!

D. ARACY (baixo, para o marido) — Olha o Dr. Portela!

(“Seu” Noronha atira-se para o ilustre visitante.) “SEU” NORONHA — Desculpe, Dr. Portela!

DR. PORTELA (erguendo-se) — Absolutamente!

“SEU” NORONHA — O senhor vai bem? Mas sente-se!

DR. PORTELA — Vou indo, com muito calor! E o senhor?

“SEU” NORONHA (num suspiro feliz) — Nem sei para onde me viro. Foi uma surpresa tão... (olha para o grupo das filhas) E além disso, Silene tem uma saúde muito delicada, está com esse negócio de vermes, imagine o senhor, e quase não come, belisca.

D. ARACY — Aceita um cafezinho, Dr. Portela?

DR. PORTELA (com satisfação) — Um cafezinho, aceito.

D. ARACY — Prefere forte?

DR. PORTELA — Forte.

D. ARACY — Ótimo! Vou buscar!

(Sai D. Aracy. As irmãs estão às gargalhadas, com exceção de Silene, que parece distraída e triste.) ARLETE — Sabe quem arranjou namorado?

HILDA — Imagina!

SILENE — Quem?

ARLETE — A Celeste!

SILENE — Aquela magricela?

ARLETE — E parecido com o Vítor Mature!

(“Seu” Noronha olha, ora para o Dr. Portela, ora para as filhas.) DR. PORTELA — Bem, “seu” Noronha. Podemos conversar?

“SEU” NORONHA — Mas claro! Estou às suas ordens!

(E, súbito, vem o grito de Silene.) SILENE — Não acredite, papai!

(Aponta para o Dr. Portela.) AURORA (em pânico) — Que é isso, Maninha?

HILDA — Não fala assim!

DR. PORTELA — Deixe. Não se aborreça. Eu compreendo!

“SEU” NORONHA Minha filha, modos, minha filha! (para o Dr. Portela) Ela nunca fez isso, Dr. Portela!

DR. PORTELA (superior) — Está nervosa, é natural!

SILENE — Eu não fiz nada, papai!

“SEU” NORONHA — Silene! Minha filha, você vai pedir desculpas ao Dr. Portela!

DR. PORTELA (generoso) — Mas não precisa! Para quê?

“SEU” NORONHA (para a filha) — Estou triste com você, Silene, muito triste! (para o Dr.

Portela) Eu é que lhe peço desculpas!

DR. PORTELA — Oh, não tem importância!

“SEU” NORONHA (para as filhas) — Leva Silene... (para Silene) Depois converso contigo, minha filha... (para o Dr. Portela) Caso sério! Mas o senhor ia dizendo e fomos interrompidos...

DR. PORTELA — “Seu” Noronha, o senhor há de estar espantado. Claro! Sua filha chega de repente, no meio da semana e.

“SEU” NORONHA Confesso que estou, sim, um pouco espantado, naturalmente...

DR. PORTELA — Eu explico.

“SEU” NORONHA — Um momento! (novamente assustado) Mas ela não está doente? Ou está?

DR. PORTELA (vacilante) — Bem...

“SEU” NORONHA —.- Está doente?

DR. PORTELA (mais incisivo) — Fisicamente, não.

“SEU” NORONHA — Não entendo.

DR. PORTELA — É o seguinte: estou aqui, porque, na minha qualidade de assessor da direção do colégio e como sou muito benquisto lá e têm muita confiança em mim... De forma que vim. Mas pode crer que é um dever muito desagradável.

“SEU” NORONHA — O senhor está me assustando!

DR. PORTELA — Vem sua senhora.

(Entra D. Aracy com uma bandeja e duas pequenas xícaras de café. Oferece, primeiro, à visita.) D. ARACY - Tenha a bondade DR. PORTELÃ — Muito obrigado.

D. ARACY — Não sei se está bom de açúcar (“Seu’ Noronha apanhou a xícara e despeja café no pires.) “SEU” NORONHA — Agora sai um momento.

DR. PORTELA — Está bom de açúcar, sim.

D. ARACY — Então, com licença.

(“Seu” Noronha bebe o café pelo pires.) .

“SEU” NORONHA — Continuando, Dr. Portela...

DR. PORTELA (mais taxativo e pedante) — “Seu” Noronha, eu trouxe sua filha pelo seguinte: aconteceu, ontem, no colégio, um fato lamentável, realmente desprimoroso, “seu” Noronha.

“SEU” NORONHA — Mas.., com minha filha?

(Dr. Portela ergue-se e fica andando de um lado para outro, enquanto fala. De vez em quando, exalta-se.) DR. PORTELA (com ênfase, pedante) — Um fato, “seu” Noronha, que repercutiu muito mal. Houve meninas, até, que caíram com ataque. O pai de uma delas foi hoje lá e disse que retirava a filha. (muda de tom, pigarreia) Mas veja o senhor: havia, no colégio, uma gata, Aliás, não era nossa,

era do vizinho. (com certo calor) Uma gata bonita, muito bonita.

"SEU" NORONHA (impaciente) — Sei, sei!

DR. PORTELA (com certa voluptuosidade) — Um pelo macio, sedoso, que parecia angorá, e digo mais: talvez fosse angorá. Ou por outra: angorá, não, porque, ao que eu sei, angorá tem, no máximo, dois filhos. E a gata pulava do vizinho e muito mansa — era mansa — vinha para o nosso terreno. (baixo, para "seu" Noronha) E quem, no meio de oitocentas alunas, gostava mais do animal? (com satisfação e uma crueldade triunfante) Sua filha!

"SEU" NORONHA — Silene?

Da. PORTELA (satisfeito) — Perfeitamente. Silene punha a gata no colo, dava-lhe leite no pires e fez, por duas ou três vezes, uma coisa que não é permitida: dormiu com a gata!

De manhã, era um rebuliço no dormitório, quando as outras alunas percebiam.

Relevamos, porque, afinal, era uma transgressão leve. E, um dia, notou-se que a gata ia ter nené. O senhor está prestando atenção, "seu" Noronha?

"SEU" NORONHA — Continue.

Da. PORTELA (num crescendo) — Até que, ontem, no recreio e na presença de todas as alunas — mataram a gata, a pauladas!

"SEU" NORONHA (tomando um susto) — E quem? Quem matou?

DR. PORTELA — A paulada, "seu" Noronha! Aos olhos de meninas de 7, 8, 9 anos! (num desafio triunfante) E o que é que o senhor me diz?

"SEU" NORONHA — Mas quem matou?

Da. PORTELA (mudando de tom) — "Seu" Noronha, o senhor já viu uma gata parir?

"SEU" NORONHA (desconcertado) — Nunca.

Da, PORTELA — Aliás, a pergunta não é bem essa. O senhor já viu uma morta dar à luz?

"SEU" NORONHA — Também não.

DR. PORTELA (exultante) — Pois eu vi, eu! E foi o que aconteceu com a gata. Sim, senhor! Estava morta e preste atenção: os gatinhos, amontoados no ventre materno, iam nascendo, diante das meninas e das professoras. Quis-se tirar de perto as menorzinhas, mas foi impossível. Eram tantas! Imagine: a mãe já morta e aquela golfada de vida! Sete gatinhos, ao todo.

"SEU" NORONHA — Vivos?

DR, PORTELA — Todos vivos!

"SEU" NORONHA — Mas, afinal, quem matou?

DR. PORTELA (baixo e incisivo) — Sua filha?!

"SEU" NORONHA (baixo também e atônito) — Repita!

Da. PORTELA — Sua filha Silene!

“SEU” NORONHA (rouco de desespero) — Minha filha? O senhor quer dizer que minha filha...

Da. PORTELA (peremptório e cruel) — Exatamente! Tem modos, sentimentos, ideias de menina e matou! Aquela infantilidade toda é uma aparência, “seu” Noronha, é uma aparência!

“SEU” NORONHA (fora de si) O senhor sabe o que está dizendo?

DR. PORTELA (com pouco caso e troça) — Eu entendo um pouco de psicologia!

“SEU” NORONHA — O senhor não conhece minha filha! O senhor se conhecesse minha filha, como eu conheço — porque eu conheço minha filha, Dr. Portela, eu leio na alma de minha filha... O senhor, se conhecesse Silene, nunca diria uma coisa dessas, e duvido!

DR. PORTELA — Sua filha deve fazer um tratamento sério!

“SEU” NORONHA (aturdido) — Que tratamento? Mas assim vai perder as aulas! (muda de tom) E se não foi minha filha?

DR. PORTELA — Há testemunhas, “seu” Noronha, inclusive eu! Fui eu que a segurei, eu que a puxei de lá, quando ela ia matar os gatinhos, também! Leve sua filha ao psiquiatra!

“SEU” NORONHA (assombrado) — Psiquiatra?

DR. PORTELA (com satisfação) — O quanto antes!

“SEU” NORONHA (apertando a cabeça entre as mãos) — Levar Silene a um médico de loucos? Mas nós temos um médico aqui no bairro, que é clínico, mas bom, ótimo, o Dr.

Bordalo! Faz até parto de graça!

DR. PORTELA — Psiquiatra, “seu” Noronha!

“SEU” NORONHA — E as aulas? Não pode perder as aulas!

DR. PORTELA (com uma comiseração muito superficial) — “Seu” Noronha, acho que o senhor ainda não entendeu o problema.

“SEU” NORONHA — Como assim?

DR. PORTELA (inapelável) — Sua filha não voltará!

“SEU” NORONHA (repetindo, atônito) — Não voltará.. . (lento) O senhor quer dizer que o colégio expulsa minha filha?

DR. PORTELA — Interprete como quiser.

“SEU” NORONHA (desesperado) — E por causa de uma gata prenha? (furioso) Responda, Dr. Portela! Por causa de uma gata prenha?

DR. PORTELA — O senhor está errado, “seu” Noronha!

“SEU” NORONHA — Vou aos jornais! Faço um escândalo!

DR. PORTELA — Discordo de si, totalmente! O senhor diz “gata prenha”,

muito bem. E daí? (energicamente) Escute aqui, “seu” Noronha: imaginemos uma mulher. Ora, eu compreendo o aborto, compreendo o direito e, até, o dever do aborto, na mulher. Admito que a mãe solteira se desfaça do filho. Há uma exigência moral para que ela vá ao médico e pergunte: “Como é, doutor?” É cruel, concordo. (exalta-se cada vez mais) Mas entenda: há conveniências, escrúpulos, pudores. (grita) Porém uma gata, um bicho, um ser que é instinto, só instinto, que nada sabe do bem e do mal, uma gata não deve ser assassinada! E monstruoso. Desculpe, é abjeto!

“SEU” NORONHA (implorando) — Mas há solução para tudo!

DR. PORTELA — Leve-a ao psiquiatra! Não vamos perder tempo. Leve-a ao psiquiatra!

“SEU” NORONHA (com humildade) — E, depois, o colégio aceitaria minha filha de volta?

DR. PORTELA — Entenda, “seu” Noronha: um educandário tem responsabilidades concretas. E que diriam os outros pais? A agressividade de sua filha é uma doença. Não pode conviver com as outras. Sinto, mas sua filha não pode voltar.

“SEU” NORONHA (na sua cólera contida) — E sua última palavra?

DR. PORTELA — Sim. Houve uma reunião lá e a decisão foi unânime. De forma que já vou, “seu” Noronha.

“SEU” NORONHA (na sua cólera) — Um momento!

DR. PORTELA (olhando o relógio) — Tenho hora marcada.

“SEU” NORONHA (ameaçador) — Ah, o senhor vai esperar! Minha filha chegou aqui chamando o senhor de mentiroso. (ofegante) Temos que apurar isso direitinho.

DR. PORTELA — O senhor duvida?

“SEU” NORONHA — Acreditarei, se minha filha confessar... (grita) Gorda! Gorda!

D. ARACY — Me chamou?

“SEU” NORONHA — Traz Silene e as outras. Todo o mundo, traz todo o mundo! (para o Dr. Portela, ao mesmo tempo que a mulher desaparece) Vamos ver quem é o mentiroso!

(para as filhas que aparecem) Venham ouvir o que o Dr. Portela está dizendo!

D. ARACY — Que foi?

“SEU” NORONHA (para as filhas maiores) — Fechem as portas! Todas as portas!

DR. PORTELA (olhando em torno assustada) — Mas que é isso?

AURORA — Papai, calma, papai!

“SEU” NORONHA — Fecha tudo!

DR. PORTELA — Mas isso é uma agressão!

“Seu” NORONHA (gritando) .— Lá no colégio mataram uma gata prenha e acusam Silene!

l)R. PORTELA — São os fatos! São os fatos!

“SEU” NORONHA — Ainda por cima, expulsaram Silene!

D. ARACY — Esse cachorro!

DR. PORTELA (fora de si) — Mas minha senhora, eu vi, oitocentas crianças viram!

“SEU” NORONHA — Sim, todo mundo viu, mas acontece que nós, aqui, só acreditamos em Silene. (para a mulher e as filhas) Não é, Gorda?

D. ARACY — Evidente!

“SEU” NORONHA (para Silene) — Chega, aqui, minha filha. Olha bem para esse cara.

Diz pra ele, diz: foi você?

SILENE (selvagem) — Mentira!

DR. PORTELA Há testemunhas! Há testemunhas! (para Silene) Silene, não foi você, Silene? Você jura que não foi você?

SILENE (feroz) — Juro!

ARLETE — Que cretino!

“SEU” NORONHA (triunfante) — Basta, minha filha! (para o Dr. Portela, cara com cara e fazendo o outro recuar) O senhor mentiu, Dr. Portela... O senhor é um mentiroso...

DR. PORTELA - Eu não menti, juro!

ARLETE —. Vamos cobrir ele!

(O Dr. Portela vê fechar-se o círculo das filhas... Arlete apanha uma estatueta.) “SEU” NORONHA (para as filhas) — Ninguém se meta! (puxa um punhal e mostra ao visitante) Está vendo isso aqui? Esse punhal de prata? Se disser mais alguma coisa, eu lhe furo a barriga, canalha!

(“Seu” Noronha encosta a ponta do punhal na barriga do Dr. Portela.) DR. PORTELA (quase sem voz) — Pelo amor de Deus!

“Seu” NORONHA — Se você falasse de outra filha, qualquer outra, eu não diria nada.

Agora mesmo, se o senhor, ou você, xingar, chamar de vagabunda uma dessas (aponta as mais velhas) ou a Gorda, eu lavo minhas mãos... Mas você insultou quem não podia insultar... O senhor não pode entender a pureza de minha filha. Ou pensa talvez que minha filha é como sua mulher? (trincando os dentes) Não se mexa porque eu lhe enfio esse troço! (muda de tom) Sua mulher usa vestido colante. Vê-se o desenho da calça no vestido de sua mulher. (exultante, mostrando Silene) Minha filha, não. Quase não tem quadris, nem

seios: o seio só agora está nascendo, só agora! Silene é pura por nós, ou você não percebe que ela é pura por nós? (num berro) Fala!

DR. PORTELA (com voz estrangulada) — Perdão!

ARLETE — É um covarde!

"SEU" NORONHA — Ou você humilhou minha filha, porque descobriu que eu sou contínuo? (com um riso soluçante) Quando eu matriculei Silene, me apresentei como funcionário da Câmara, mas sou contínuo! (baixo, cara a cara) Agora me chama de contínuo, anda, me chama de contínuo!

DR. PORTELA — Por quê?

"SEU" NORONHA — Eu quero!

DR. PORTELA — Contínuo.

"SEU" NORONHA —.- Contínuo... Agora chora!

DR. PORTELA — Mas por quê?

"SEU" NORONHA (num berro) — Chora!

DR. PORTELA (num soluço imenso) — Não posso!

(Mas chora. As lágrimas caem-lhe, de quatro em quatro.) "SEU" NORONHA (frustrado) — Não choraste a lágrima que eu procuro. (muda de tom, para Silene) Vem cá, minha filha!

SILENE (num lamento) — Estou tão cansada!

"SEU" NORONHA (no seu ódio) — Dá-lhe na cara!

SILENE (recuando, espantada) — Por quê, papai?

"SEU" NORONHA — Esta besta te insultou, te humilhou! Mete-lhe a mão! (para Dr.

Portela) Vai apanhar caladinho ou já sabe!

AURORA (para Silene, abrindo a mão) — Bate assim, de mão aberta!

SILENE (recuando, apavorado) — Não posso.

"SEU" NORONHA — Minha filha, sou eu que estou mandando, minha filha!

(Súbito, Silene estaca. Olha para as irmãs e os pais. Tem uma explosão.) SILENE (feroz) —-Vocês querem saber da verdade? (trincando os dentes, numa alucinação) Pois fui eu, pronto!

"SEU" NORONHA (no seu espanto e na sua dor) — Você, minha filha?

SILENE (no gesto de quem empunha um pau e vai bater) — Matei assim!

DR. PORTELA (para todos) — Eu vi: esmigalhou a cabeça da gata!

("Seu" Noronha deixa cair o punhal. Cambaleante, aproxima-se da filha.) "SEU" NORONHA .—. Por quê, minha filha, por quê?

SILENE (fechando os olhos, de mãos unidos, na altura do peito, como se rezasse) — Não sei.

("Seu" Noronha agarra a filha pelos dois braços. Chora.) "SEU" NORONHA

— Fala. Por quê?

SILENE (transida) — Nojo!

“SEU” NORONHA — Por que nojo?

SILENE (com o ricto maligno) — Ódio!

AURORA (atônita) — Maninha, ódio de um bicho que não te faria mal? Um bicho, Maninha?

SILENE (numa explosão) — Gata nojenta!

(Passa a mão na boca, num esgar de nojo.) DR. PORTELA (já recuperado e satisfeito) — Estão vendo? (triunfante) É um processo mental, claríssimo!

(Dr. Portela apanha o chapéu e a bengala.) DR. PORTELA (superior) — E outra coisa, “seu” Noronha. De fato, o senhor tinha me dito, quando matriculou sua filha, que era funcionário da Câmara, se não me engano da Secretaria. Mas na semana passada estive lá e qual não foi a minha surpresa ao vê-lo, no seu uniforme próprio, servindo cafezinho aos deputados! O senhor não me viu e eu achei muita graça, até. Afinal contínuo, hem, meu caro Noronha? E creio que, agora, vai me pedir desculpas.

ARLETE (interferindo) — Desculpa coisa nenhuma! (viril, para o Dr. Portela) Escuta, aqui: contínuo é sua mãe, percebeu? (espeta-lhe o dedo no peito. O Dr. Portela recua) E sua mulher? que só põe vestido justo para mostrar aquele rabo? Patife!

DR. PORTELA — Não quis ofender! (gago) E boa noite, com licença.

(Sai o Dr. Portela. “Seu” Noronha aperta Silene de encontro ao peito.) “SEU” NORONHA (beijando-a na testa) — Nenhum colégio é digno de ti! E todo mundo inveja tua pureza! Humanidade cachorra! As meninas não são meninas, são femeazinhas.

Só você é menina, só você! (soluça)

Segundo Quadro

(Quarto de Silene. A menina, que estava deitada na cama, levanta-se, O Dr. Bordalo, clínico da família, que acaba de examinar a garota, acha graça, porque a menina chora.) Dr. BORDALO (com alegre ternura) — Chorando por quê?

SILENE (fungando) — Vergonha.

DR. BORDALO (com alegre escândalo) — De mim? Vergonha de mim, veja só! Meu coração, te vi nascer, fiz todos os partos de tua mãe, todos, e você pra mim é como se fosse um bebezinho.

SILENE — Eu sei, doutor, mas.

Dr. BORDALO — Olha pra mim!

(Segura o queixo da menina.) DR. BORDALO — Já passou a vergonha?

SILENE (no seu enleio) — Já.

Dr. BORDALO — Viu?

SILENE — Finalmente, o que é que eu tenho, doutor?

Da. BORDALO — Você? Coisa à-toa. Agora vai e manda teu pai aqui.

(Silene encaminha-se para a porta, mas o médico detém-na.) Dr. BORDALO (divertido) — Minha filha, põe a calça!

SILENE (estaca) — Que cabeça a minha!

(Atrás do médico, Silene faz como se estivesse vestindo imaginária peça íntima.) SILENE — Pronto, doutor!

Dr. BORDALO — Agora, vai.

(Sai Silene e, em seguida, entram “seu” Noronha e D. Aracy.) “SEU” NORONHA (sôfrego) — Então, doutor?

Dr. BORDALO (para D. Aracy) — A senhora, ainda não. Quero dar uma palavrinha com seu marido, Depois, eu chamo a senhora.

“SEU” NORONHA — Sai, Gorda.

(Sai D. Aracy.) “SEU” NORONHA (sôfrego) — Tudo O. K., doutor?

Dr. BORDALO — Fecha a porta.

(“Seu” Noronha obedece. O médico, em pé, indica a cama.) DR. BORDALO — Senta.

“SEU” NORONHA (trêmulo) — Não é leucemia?

DR. BORDALO (surpreso e divertido) — Por que leucemia?

“SEU” NORONHA — Palpite meu, doutor, um sonho que eu tive!

Dr. BORDALO — Bate na madeira. Por esse lado, sem novidade.

“SEU” NORONHA (eufórico, esfregando as mãos) — Oh, graças! Doutor, estou com a alma nova! (muda de tom) Mas essa questão dos vermes também

me preocupa muito.

DR. BORDALO (sem ouvi-lo) — Noronha, sei que você gosta muito de Si!ene.

“SEU” NORONHA — Silene é tudo para mim!

DR. BORDALO .— E, naturalmente, você é um pai compreensivo!

“SEU” NORONHA (na sua ternura trêmula) — Silene faz de mim gato e sapato!

(Resoluto, Dr. Bordalo senta-se na cama, ao lado de “seu” Noronha.) DR. BORDALO — Noronha, vamos conversar, nós dois, de homem para homem!

“SEU” NORONHA — Doutor, mas o senhor está escondendo alguma coisa?

DR. BORDALO — E o seguinte: apertei sua filha, mas ela nega.

“SEU” NORONHA -.-- Nega o quê?

DR. BORDALO Nega e eu compreendo. É normal que a mulher comece negando. Mas, finalmente, Silene tem ou não tem namorado?

“SEU” NORONHA — Claro que não!

DR. BORDALO — Nem teve?

“SEU” NORONHA — Nunca! Posso lhe afirmar, com toda segurança!

DR. BORDALO — Mas Silene tem namorado, sim, senhor, lá isso é que tem!

“SEU” NORONHA (no seu espanto) — Namorado?

DR. BORDALO — Tem, sim, tem!

“SEU” NORONHA — Absolutamente! Nem pode ter, doutor. Uma menina que vive no colégio interno, não sai! Ou por outra: sai uma vez por mês. Só. Passa um dia em casa e volta no dia seguinte. Vai e vem acompanhada. Nessas condições, pode ter namorado?

DR. BORDALO (erguendo-se e pondo a mão no ombro de “seu” Noronha) — Então quem é o pai?

“SEU” NORONHA (numa incompreensão dolorosa) — Que pai?

Dr. BORDALO — Com licença, Noronha. Vamos esclarecer isso, direitinho. Quando examinei Silene, pensei que você me tivesse chamado porque, afinal... Mas não sabe, nem desconfia de nada?

“SEU” NORONHA (atônito) — Continue.

DR. BORDALO (já apiedado e lento) — Sua filha já vai para o terceiro mês.

(Pausa atônita.) “SEU” NORONHA — O senhor quer dizer que Silene.

Dr. BORDALO (lento) — Está grávida.

(“Seu” Noronha crispa a mão no braço do médico, num desesperado apelo.) “SEU” NORONHA — Mentira! (arqueja) Não tem nem quadris, a bacia é estreita! Diga, doutor, que é mentira!

DR. BORDALO — Em primeiro lugar, vocês veem Silene com os olhos da

adoração. Ela tem medidas normais. Quanto à gravidez, não há dúvida. E certo. Eu a examinei. E certo.

Trate de descobrir o responsável e providenciar o casamento.

“SEU” NORONHA — O senhor diz que Silene não é mais virgem? Deixou de ser virgem?

DR. BORDALO — Noronha, não exageremos. Você está exagerando. (afetuoso, persuasivo) Hoje em dia a virgindade não tem mais essa importância. E, afinal de contas, a honra de uma mulher não está numa película. A virgindade é uma peliculazinha.

“SEU” NORONHA (exaltadíssimo) — O senhor tem uma filha. Da idade da minha.

Solteira. Eu quero saber se a virgindade de sua filha também é uma película.

DR. BORDALO — Sejamos práticos. Descubra o homem.

“SEU” NORONHA (com a voz estrangulada) — O senhor não entende nada de pureza, de inocência... O senhor já viu, na igreja, uma virgem de vitral? Escute: de tarde, o sol bate na igreja... E a luz atravessa a virgem... (aponta para o alto como se mostrasse um invisível sol) Assim é Silene — uma virgem atravessada de luz... (com um esgar de choro) E de tanto adorar minha filha, eu descobri que, entre todas as meninas da Terra, só ela é virgem e só ela é menina... Mas se está grávida.

DR. BORDALO — Infelizmente.

“SEU” NORONHA (num soluço) — A sem-vergonha!

(“Seu” Noronha vai, cambaleante, em direção da porta. Dr. Bordalo segura-o pelo braço.

“Seu” Noronha volta-se, aturdido.) DR. BORDALO (com energia) — Venha cá!

“SEU” NORONHA (rouco) — Que é?

DR. BORDALO (sempre enérgico) — Você não vai fazer violência nenhuma. Lembre-se que o dever do pai é proteger e perdoar.

“SEU” NORONHA (com um humor hediondo) — Obrigado pelo sermão.

DR, BORDALO — Não é sermão. É preciso descobrir o pai. Arranque um nome. Inclusive, eu falo com o rapaz. Quer que eu chame Silene aqui? Não acha melhor conversarmos aqui? Eu acho, quer?

“SEU” NORONHA — Chama. Ou por outra: aqui não. Na sala, tem que ser na frente de toda a família. (cambaleante) Venha, doutor. Vamos.

(Dr. Bordalo acompanha o pai desvairado. Estão diante da família.) “SEU” NORONHA (ao lado do médico) — Gorda, chega aqui!

DR. BORDALO — Calma, não se exalte!

D. ARACY — Não é nada de grave?

“SEU” NORONHA (para as mais velhas) — Vocês também... (desfigurado pelo ódio, apontando para Silene, que está a poucos passos e que se abraça com Aurora) Sabem por que ela matou a gata prenha? Querem saber?

DR. BORDALO (baixo e repreensivo) — Não humilhe!

“SEU” NORONHA (alto e com um riso soluçante) — Porque está grávida também!

AURORA (agarrando-a pelos dois braços) — Maninha!

ARLETE (para Silene) — Quem foi?

HILDA (num soluço) — Desgraçaram Maninha!

(Desespero. Loucura. Dir-se-ia que alguém acaba de morrer. Silene recua, com as duas mãos no ventre, num pavor agressivo.) SILENE — É tudo mentira!

DR. BORDALO (para uma e outra) — Calma! Calma! Vamos usar a cabeça! Aqui o Noronha vai conversar com Silene e Silene vai dizer quem foi, quem não foi. Até já me ofereci para falar com o rapaz. Eu falo com o rapaz, pronto!

“SEU” NORONHA (num berro) — Cala a boca todo mundo! (baixo e ofegante para Silene) Chega aqui. Diz — quem é teu namorado?

SILENE (contida) — Não tenho namorado.

“SEU” NORONHA — Nem amante?

SILENE (ofegante) — Não.

“SEU” NORONHA (na sua cólera contida) — Quem é o pai do teu filho?

SILENE — Ninguém.

“SEU” NORONHA (com um lúgubre humor) — Ainda és virgem?

SILENE (soluçando) — Sou, papai!

“SEU” NORONHA (para o médico) — Viu, doutor, o cinismo? (feroz, para a filha, com humor hediondo) Mas se não estás grávida posso te dar um pontapé na barriga!

SILENE — Ninguém toca no meu filho!

“SEU” NORONHA (com um riso sórdido) — Tens, então, um filho... (furioso) Mas onde arranjaste esse filho? no colégio? Fala! na aula? no ônibus do colégio?

(Dr. Bordalo empurra “seu” Noronha e agarra Silene pelos dois braços.) DR. BORDALO — Fala comigo, Silene! Nós queremos saber quem é, porque se fala com o rapaz e ele casa contigo!

SILENE — É casado! (feroz) Casado, vive com a mulher, gosta da mulher (num soluço) e me deixem em paz, ó meu Deus!

D. ARACY (soluçando) — Ninguém presta! Ninguém vale nada!

DÉBORA (na sua cólera e por entre lágrimas) (para Silene) — Fica sabendo: por tua causa, eu vivia arranjando mulher para uns velhos e dava todo o dinheiro à mamãe pra teu enxoval!

ARLETE — Chega de conversa! (para D. Aracy) Mamãe, a senhora vai devolver o dinheiro do enxoval e vamos rachar isso, cada um fica com a sua parte!

HILDA — Quero a minha parte e vou-me embora daqui!

“SEU’ NORONHA — Para onde?

HILDA — Para Santos!

“SEU” NORONHA — Por que Santos?

HILDA — Não te mete nisso, papai! (muda de tom) Ah, quer saber, pois não! Vou para Santos porque uma colega minha fez, em Santos, num mês, só num mês, 170 contos.

Agora que eu sei que Maninha é igual a nós, ou pior.

“SEU” NORONHA (gritando) — Pior!

ARLETE — Pois é. Eu não fico mais aqui! não quero mais ficar!

“SEU” NORONHA (num outro berro) — Espera! Tenho outra ideia! Ninguém precisa sair daqui! Venha o senhor também, Dr. Bordalo!

DR. BORDALO — Mas não há .motivo! Não há motivo!

“SEU” NORONHA (frenético) — Ouçam a ideia (baixando a voz, caricioso, ignóbil) Eu não vou voltar mais para a Câmara, não senhor, e por quê? Ah, não! Vou ficar em casa, porque o que vocês ganhariam, lá fora, vão ganhar aqui, aqui!

DR. BORDALO (para todos) — Este homem está louco!

“SEU” NORONHA (num desafio feroz) — Por que louco? Vamos, explique!

DR. BORDALO — O senhor está propondo um bordel de filhas!

(“Seu” Noronha, fora de si, agarra o médico pelo braço, com desesperada energia.) “SEU” NORONHA — Por que não? Olha: eu não vou mais servir cafezinho, nem água gelada, a deputado nenhum! (para as filhas) Vocês também podem largar o emprego!

(para o médico, num riso sórdido) O emprego das minhas filhas é uma máscara! (corta o riso) Tive outra ideia (cara a cara com o médico): o senhor quer começar? Quer ser o primeiro?

DR. BORDALO (recuando) — O que é que o senhor quer insinuar?•

“SEU” NORONHA — Eu sei que o senhor é metido a santo: faz de graça parto de negra, não cobra consulta, mas insisto (aponta para as filhas) escolha: qualquer uma, escolha!

(agarra a filha menor) AURORA (gritando) — Não, papai!

(“Seu” Noronha atira Silene no chão, aos pés do médico.) SILENE (num apelo, com as duas mãos em cima do ventre) — Não quero!

DR. BORDALO (ajudando-a) — Levante-se!

“SEU” NORONHA (possesso, para ela) — Ou tu vais com ele ou acabo com a tua gravidez a pontapés! (para os outros) Se foi de um, pode ser de todos!

AURORA (histericamente) — Eu vou no lugar de Maninha!

“SEU” NORONHA — Quero Silene!

DR. BORDALO (fora de si, para as outras) — E vocês? não dizem nada? não reagem?

Nem a senhora, que é mãe? (gritando) Por que não fogem? Fujam! abandonem esta casa! (apontando “seu” Noronha) Este homem é um louco! (para as mais velhas) Eu recebo vocês na minha casa! Ficam lá, até que.

“SEU” NORONHA (triunfante) — Viu? (apontando Aurora) Só esta bestalhona quis protestar. As outras espiam e calam... A porta está aberta e ficam!

DR. BORDALO (furioso) — Vocês têm uma alma e... (estaca, atônito) Ou não têm alma?... (como se pensasse em voz alta) Mas se não fogem é porque são escravos, uns dos outros..

“SEU” NORONHA (exultante) — Nem elas se livram de mim, nem eu me livro delas! (para Silene) Você vai ou não vai aqui com o doutor?

AURORA (soluçando) — Maninha, não, papai!

SILENE (para Aurora) — Obrigada, Aurora.. . (transida para o pai) Vou.

“SEU” NORONHA (para Silene) — Vai na frente e espera no quarto!

(Silene olha para as fisionomias espantadas. Caminha, lentamente, para o quarto.) “SEU” NORONHA (com um riso hediondo) (para a mulher) — Gorda, nós somos escravos: tu de mim e eu de ti, não é doutor? (para o médico, mudando de tom) Minha filha o espera, doutor; lá!

DR. BORDALO (quase chorando) — Não sei por que não lhe dou um tiro, seu canalha!

“SEU” NORONHA (num falso e divertido espanto) — Canalha, eu? (incisivo) Eu só, não!

Todos nós somos canalhas! (rindo, pesadamente) Também o senhor, também o senhor!

(novamente sério e violenta) Sabe por que esta família ainda não apodreceu no meio da rua? (num soluço) Porque havia uma virgem por nós! O senhor não entende, ninguém entende. Mas, Silene era virgem por nós, anjo por nós, menina por nós! (feroz) Mas, agora que Silene está no quarto — esperando o senhor! (riso com desespero) nós podemos finalmente cheirar mal e apodrecer... Quer ver uma coisa? Eu lhe mostro (para as mulheres) Quem foi que escreveu nomes feios no banheiro? (triunfante) Podem confessar, porque já começamos a apodrecer. (para o médico) Preste atenção, doutor!

(para as mulheres) Quem foi?

D. ARACY — Eu.

“SEU” NORONHA (radiante) — A Gorda!

D. ARACY (quase chorando) — Eu!

“SEU” NORONHA (eufórico, para o médico) — Tem varizes e um suor azedo! (para a mulher) Mas, explica, oh, Gorda: por que tu fazes desenhos obscenos no banheiro?

D. ARACY (confusa e chorando) — Não sei... Talvez porque eu quase não vou a um cinema, a um teatro, vivo tão só! E também porque (mais agressiva) eu não tenho marido!

(para “seu” Noronha) Há quanto tempo você não me procura como mulher? (para o médico) Até já perdi a conta! (com certa dignidade) Então, eu ia para o banheiro, rabiscava e, depois, apagava. Ontem, é que eu me esqueci de apagar e...

“SEU” NORONHA (para as filhas) — E vocês? Falem! (para Hilda) Você!

HILDA (exaltada) — Eu vi Arlete beijando uma mulher na boca!

ARLETE (violenta) — Foi, sim!

HILDA — Cínica!

ARLETE (numa fúria súbita) — Tenho nojo de homem! A coisa que eu acho mais asquerosa é cueca usada!

“SEU” NORONHA (para Aurora) — Você não diz nada?

AURORA — Hei de ficar ao lado de Maninha, até morrer.

“SEU” NORONHA (agarrando-se ao médico) — Viu, doutor? Aqui o senhor não precisa ter vergonha, absolutamente! Vergonha por que, pra que e de quem?

DR. BORDALO (entredentes) — Aonde me meti!

“SEU” NORONHA — Ofereço-lhe uma menina que é quase uma virgem e o senhor recusa? Ora!

DR. BORDALO (virando-se na direção do quarto e numa angústia mortal) (meio delirante) — Silene, eu tenho uma filha de sua idade... E se eu tocasse em você (faz no ar uma carícia) eu não poderia beijar minha filha, nunca mais... Você é tão linda (grita) Silene!

Silene! Teu nome é uma dália!

(“Seu” Saul acaba de aparecer na porta. Estaca, em silêncio.) “SEU” NORONHA (furioso) — Você quer ou não quer?

DR. BORDALO (com outro berro) — Não quero!

“SEU” SAUL (entrando) — Eu quero!

“SEU” NORONHA — Entre, “seu” Saul, vamos entrar! Então, o senhor quer?

“SEU” SAUL — Eu escutei tudo pela porta aberta... Sei tudinho... Eu querer...

“SEU” NORONHA (arquejante) — O quarto é aquele, “seu” Saul!

Aquele!

“SEU” SAUL — Com licença!

(“Seu” Saul caminha na direção do quarto. Todos o acompanham com o olhar. Ele entra e fecha a porta.) SILENE (em pânico) — Não é o senhor! É o médico!

“SEU” SAUL — Oh, não ficar assustada Eu não abusar de você... Caladinha..

SILENE (chorando) — Só lhe peço para não machucar meu filho!

“SEU” SAUL — Eu tive ferimento de guerra, do Primeira Guerra.

SILENE — O senhor?

“SEU” SAUL — Uma granada explodiu pertinho, no guerra do Kaiser, e um estilhaço matou meu desejo... Eu ser boa pessoa, porque não liga sexo... Oh, só quero segurar seu mãozinha, assim.

SILENE — Eu agradeço ao senhor.

“SEU” SAUL — Depois nós saímos e tapeamos seu papai. Oh, ninguém sabe o ferimento de guerra, felizmente!

(Do lado de fora, o médico, que anda de um lado para outro, como possesso estaca.) DR. BORDALO (enfurecido) — Depois sou eu!

“SEU” NORONHA — Mudou de opinião!

DR. BORDALO (sem ouvi-lo) — A vontade que eu tenho é arrancar de lá aquele gringo imundo! (numa espécie de delírio) Silene, oh, Silene! (murmurando) Tem a idade da minha filha!

(Sai “seu” Saul. Diz para dentro do quarto.) “SEU” SAUL — Até loguinho.

DR. BORDALO — Agora sou eu que vou... Mas antes: eu quero que um de vocês...

(escolheu Aurora) Você, Aurora, pelo amor de Deus, Aurora! (estende para Aurora as duas mãos crispadas) Eu quero, antes de ir, que você, Aurora, me cuspa na cara!

(Aurora destaca-se das outras irmãs. Aproxima-se, lentamente, digna, hierática. “Seu”

Saul está parado também. Aurora cospe no rosto do médico.) DR. BORDALO — Graças, oh, graças! (e dá um grito pavoroso) Silene! Silene!

(Vai cambaleando, para o quarto.) “SEU” NORONHA — Vai, canalha! (mudando de tom, puxando o punhal) Este punhal ainda sonha com uma lágrima!

FIM DO PRIMEIRO ATO

Terceiro ato

(Começa o terceiro ato com uma sessão em casa do “seu” Noronha. Presentes: o velho, D. Aracy, as filhas, menos Silene que está encerrada em seu quarto. Hilda é o médium.

Acaba de receber o primo Alípio, falecido recentemente. Hilda anda pelo palco em largas e viris passadas; arqueja e funga; dá gritos medonhos; voz masculina.) D. ARACY — Pergunta se o homem vem aqui e quando?

“SEU” NORONHA (baixo, para a mulher) — O diabo é que foi receber logo o primo Alípio, que não se dava comigo... (novo tom, humilde) Irmão, ele vem aqui?

(Hilda dá pulos tremendos.) HILDA — Velho safado! Você quer matar um homem!

ARLETE — O primo não quer nada com a gente!

“SEU” NORONHA (para Arlete) - Não se meta!

(De vez em quando, nos seus arrancos de espírito ainda não evoluído, Hilda tem de ser subjugada.) D. ARACY (a um arranco maior) — Segura! Segura!

(Hilda, dominada, esperneia em vão.) HILDA (com voz masculina e ofegante) —. Velho assassino!

“SEU” NORONHA (na sua humildade) — Irmão, esse homem ofendeu minha moral!

Desgraçou minhas filhas!

HILDA — Tuas filhas são umas sem-vergonhas! Vivem pegando homem!

“SEU” NORONHA (sôfrego) — Mas o homem chora por um olho só!

HILDA — Você está marcado!

“SEU” NORONHA — O homem tem uma lágrima só?

HILDA — Olha que você pode morrer!

“SEU” NORONHA — E como eu vou conhecer esse homem? saber quem é ele? judeu?

como é ele?

HILDA — O homem goza chorando, chora morrendo!

“SEU” NORONHA (repetindo com angústia) — Goza chorando, chora morrendo. .. (num apelo) Mas ele vem aqui e quando?

HILDA — O homem vestido de virgem!

“Seu” NORONHA — Vestido de virgem!

HILDA — Você enterra no quintal, o homem e a lágrima! Vocês ajudem a carregar o corpo. .. (para “seu” Noronha) E você enterra a faca no coração!

“SEU” NORONHA — Mas eu queria apunhalar o olhar da lágrima!

HILDA — Deixa o homem dormir e enterra a faca no coração!

(“Seu” Noronha está tirando tentam ente o punhal de prata. Hilda sacode-se, despertando, em espasmos tremendos, do seu estado mediúnico.) AURORA — Já acabou?

“SEU” NORONHA — Eu não disse? Batata!

AURORA — Há certas coisas com que eu não me conformo!

“SEU” NORONHA — Você ainda duvida?

AURORA — Papai, o primo Alípio é um espírito que, outro dia, pregou aquela mentira!

“SEU” NORONHA — Como se pode ser tão burra! (para as outras, para todas) Vocês viram! (agarra a mulher) Você é testemunha, Gorda!

D. ARACY — Eu não entendi direito!

“SEU” NORONHA (sacudindo-a) — Escuta: o Dr. Batista Coutinho já me tinha avisado e vem o primo Alípio e confirma — o homem que chora por um olho só liquidou minha família! E agora, qual a dúvida?

AURORA — Papai, o senhor nem sabe o que eu vou dizer!

D. ARACY — Deixa Aurora falar!

AURORA (num muxoxo) — Engraçado!

ARLETE — Fala, Aurora!

AURORA (veemente) — Papai, o senhor deixa eu dar uma opinião?um palpite?

“SEU” NORONHA — A eterna mania!

AURORA — Gozado! Aqui se fala de todo o mundo, menos dum!

“SEU” NORONHA (com sarcasmo) — Quem?

AURORA — Ora!

“SEU” NORONHA — Desembucha!

AURORA (incisiva e violenta) — O filho de uma grandissíssima que fez o que fez com Maninha...

“SEU” NORONHA — E daí?

AURORA — Daí é que esse é o pior cachorro! (para as outras) Eu sei, perfeitamente, que aconteceu a mesma coisa com a gente. Mas é que nós somos galinhas, sempre fomos galinhas, está no sangue. Eu me lembro que eu, por exemplo eu — com 8 anos, mas chega... Com Maninha é que isso não podia acontecer, nunca! (cobre o rosto com uma das mãos e soluça) Pois bem. E quando acaba, a gente está esquecendo de odiar um cachorro que eu, que sou mulher, ah se eu pegasse! (para o pai, violenta) O senhor está errado, papai!

“SEU” NORONHA — Você quer me ensinar? a mim?

AURORA (para as outras) — Vocês não concordam comigo?

ARLETE — Depende.

AURORA (violenta) — Ou não?

DÉBORA — Eu concordo.

“SEU” NORONHA (meio confuso) — Mas continua.

AURORA — Esse sujeito merece um tiro na boca!

“SEU” NORONHA (com um riso soluçante) — Por que tiro? (cortando o riso) Tiro, não, sua cretina! (mostra-lhe o punhal) Isso aqui é muito melhor: não faz barulho, entra macio, macio, quase não dói.

AURORA — Portanto, se o senhor não quer, ou tem medo, eu acabo com esse sujeito!

“Seu” NORONHA (com sarcasmo) — Procuro uma lágrima, o que me interessa é uma lágrima. Mas você o que faria? Diz?

AURORA — Matar, apenas! Matar!

“SEU” NORONHA (com achincalhe) — Você? AURORA — Ou alguém por mim.

“SEU” NORONHA (lá alarmado) — Quem?

AURORA (hesitante e lenta) — Um rapaz que eu conheci.

“SEU” NORONHA (já alarmado) — Vem cá: de confiança?

AURORA — Mas lógico! É meu namorado. Já matou um e se eu pedir, é só um pedido, tenho a certeza, ou quase a certeza que...

ARLETE — Queres um conselho?

AURORA — Diz.

ARLETE — Não põe gente de fora.

D. ARACY — Também acho.

AURORA (taxativa) — Mamãe, por esse eu ponho a minha mão no fogo!

“SEU” NORONHA — Como é o nome dele?

AURORA (vacilante) — O nome? Bibelot.

D. ARACY— Por que Bibelot?

AURORA — Apelido.

(“Seu” Noronha anda de um lado para outro.) “SEU” NORONHA (para si mesmo) — Bibelot... Eu ia me esquecendo de odiar o homem que desgraçou Silene... (agarra o braço de Aurora) Posso ver esse Bibelot?

AURORA — Vem aqui.

“SEU” NORONHA — Quando?

AURORA — Ficou de passar, hoje, por aqui. Vem me apanhar pro cinema.

D. ARACY — E se ele for preso e disser que fomos nós?

AURORA — Gosta de mim, mamãe!

“SEU” NORONHA (para a mulher) — Não te mete, Gorda! Mania de se meter! (para Aurora) Quero ver, quero olhar o cara e depende da minha intuição!

DÉBORA — Olha quem está aí!

(“Seu” Saul acaba de aparecer, arquejante, passando o lenço no suor da testa.) “SEU” SAUL — Já saber de notícia?

“SEU” NORONHA — Que notícia?

“SEU” SAUL — Oh, não saber quem se enforcou no fio do ferro elétrico?

DÉBORA — Fala, criatura!

“SEU” SAUL (enchendo o palco com a sua voz) — O Dr. Bordalo!

ARLETE — Matou-se?

“SEU” SAUL (com a voz grave, cheia, profética) — O Dr. Bordalo está pendurado no alto da porta, o língua preta, as bochechas assim, de máscara de carnaval!

(Aurora atira-se, possessa, contra “seu” Saul.) AURORA (rouca de ódio) — Mentira!

“SEU” SAUL (grandiloquente ainda) — Jura!

AURORA (rebatendo em soluços) — Seu mentiroso!

D. ARACY (chorando) Matou-se sem motivo!

“SEU” SAUL (na sua ênfase) — Dr. Bordalo ter motivo! Grande motivo!

“SEU” NORONHA (ameaçador) — Então você vai dizer que motivo!

“SEU” SAUL — Eu sei, vocês saber o motivo!

SEU NORONHA Quer me desacatar, gringo?

“SEU” SAUL (abrindo os braços) — O Dr. Bordalo deixou um bilhete, um bilhetinho, dizendo assim: “Não quero que meu filha me beije no caixão!”

“SEU” NORONHA (no seu desespero contido) — Não quer o beijo da filha e beijou a minha, o cínico!

HILDA (aos soluços) — Não fala assim, papai!

“SEU” NORONHA (para “seu” Saul) — E você, gringo, por que não se mata também?

“SEU” SAUL (batendo, em triunfo, no peito) — Eu ser ferido do guerra, do guerra do Kaiser, do Primeiro Grande Guerra!

“SEU” NORONHA — Retire-se!

“SEU” SAUL (recuando, de frente para todos) — Teus filhas vão te destruir!

“Seu” NORONHA (aos berros) — Eu estou na minha terra e já não sou mais contínuo!

Rua! Eu não sou mais contínuo!

(“Seu” Saul estaca na porta.) “SEU” SAUL — Teus filhas vão te destruir!

“SEU” NORONHA (para as filhas que choram) — Choram por quem e por quê?

HILDA (chorando) — Era um santo!

“SEU” NORONHA (numa gargalhada feroz) — Aquilo santo! (baixo e

triunfante, cara a cara com Hilda) Santo porque fazia de graça parto de negra! (agarra Hilda, com uma certeza fanática) O parto gratuito era um disfarce! (para todas) Santo e possuiu minha filha, quase na minha frente.

HILDA — Foi o senhor que mandou!

"SEU" NORONHA (arquejante e falando aos arrancos) — Eu mandei e ele a possuiu. E a chamou de dália. E ela nem gritou, se ao menos gritasse, e não gritou! Agora o miserável recusa o beijo da filha!

("Seu" Noronha anda trôpego e circularmente.) "SEU" NORONHA — O gringo entra aqui e diz que minhas filhas vão me destruir! (para todas) Mas, eu, quando morrer, quero o beijo de cada filha e (num riso soluçante) até o teu beijo, Gorda!

D. ARACY (chorando) — Amém!

"SEU" NORONHA (cortante) — Chama esse Bibelot!

AURORA — Primeiro, a Maninha tem que dizer quem foi. E ainda não disse!

"SEU" NORONHA — Dou-lhe um bofetão e ela confessa imediatamente!

AURORA — Calma, papai, calma! E vamos fazer o seguinte, presta atenção: eu converso com Maninha e, com jeito, ela vai acabar dizendo quem foi, quem não foi, e pronto! Não é melhor assim?

"SEU" NORONHA — Vai lá arrancar esse nome!

AURORA (já afastando-se) — E quando acabar eu chamo.

(Aurora encaminha-se para o quarto de Silene.) "SEU" NORONHA (para as outras) — Ninguém me tira da ideia que "seu" Saul é o que chora por um olho só!

(Quarto de Silene. Aurora senta-se, na cama, ao lado da irmã.) AURORA — Olha pra mim.

SILENE (já acuada) — Estou olhando.

AURORA — Quem é o cara?

SILENE — Que cara?

AURORA — O tal!

SILENE (com uma dissimulação muito evidente) — Ele não está no Rio!

AURORA — Está onde?

SILENE — Viajou.

(Aurora toma, entre as suas, as mãos de Silene.) AURORA — Escuta: você confia em mim?

SILENE (sempre crispada) — Por quê?

AURORA (mais incisiva) — Confia ou não confia?

SILENE (a medo) — Confio.

AURORA — Então quero saber tudinho!

SILENE — Depende.

AURORA (com exasperação) — Depende, não senhora! Por que depende? Você vai contar tudo, faço questão! E se você começar a me esconder os troços, eu largo você de mão e olha: depois do que houve, quem é aqui tua amiga no duro e te defende? sou eu, não sou? As outras estão por aqui com você e, se você duvidar, papai te dá uma surra de correia!

SILENE (começando a chorar) — Eu sei que você gosta de mim, eu sei, nunca neguei!

AURORA — Diz: e você responde, direitinho, a tudo que eu perguntar?

SILENE — Respondo.

AURORA — O nome dele.

SILENE (novamente de pé atrás) — O nome?

(Silene levanta-se e recua.) SILENE — Mas o nome por quê?

AURORA — Lógico!

SILENE (torcendo e destorcendo as mãos) — Se ele é casado pode casar outra vez? Que interessa o nome? (parece pensar em voz alta) Eu digo o nome, sou menor, vocês polícia e há o escândalo!

AURORA (quase perdendo a paciência) — Tenho vontade de te dar um tapa!

SILENE (também agressiva) — Por que é que vocês querem saber o nome?

AURORA — Sua burra, vê se entende: você é menor e ele tem responsabilidade, pronto!

SILENE (lenta, imaginando mil coisas) — Faz de conta que eu digo o nome e vocês fariam o quê?

AURORA (mais animada) — E o seguinte: eu tenho um cacho.

SILENE (sem entender) — O que é cacho?

AURORA — Você é errada! (noutro tom) Quer dizer, um namorado. Tenho um namorado que não custa pra dar uma surra ou, até, liquidar um gajo. Isso pra ele é pinto!

SILENE (numa gradual assimilação da ameaça) — Vocês então mandariam dar uma surra no meu...

AURORA (violenta) — Surra, uma conversa! Um tiro! uma bala!

SILENE (no seu assombro) — Matar?

AURORA — O cara leva um tiro sem saber como e fica por isso mesmo!

SILENE (num desespero feroz) — Ele não tem culpa! A culpada sou eu!

AURORA — Abusou de você, uma menina, uma criança! é um canalha!

SILENE (soluçando) — Não! não!

(Fora de si, Silene agarra-se a Aurora e escorrega ao longo do seu corpo. Fica de joelhos, abraçada às pernas da irmã.)

AURORA (atônita e com uma pena intolerável) — Mas que é isso?

Maninha, levanta!(Silene ergue-se. Com súbita energia agarra a irmã.)

SILENE — Aurora, quem te fala não é mais aquela menina. Deixei de ser menina, sou mulher igual a vocês e até mais, porque estou grávida, graças a Deus! (muda de tom) Quero saber de ti o seguinte: você tem esse namorado. Gosta dele?

AURORA — Por quê?

SILENE — Gosta?

AURORA — Gosto.

SILENE — É amor?

AURORA (sofrida) — Demais.

SILENE (violenta) — Pois se você ama, eu também amo! Ele não é canalha, não! Ele não queria, porque eu sou menor e fui eu que insisti e quis ter o filho!

AURORA — Mas te desgraçou!

SILENE — Pelo contrário! Eu não sou desgraçada! Você é desgraçada?

AURORA (atônita) — Eu?

SILENE — Tão bom gostar de alguém!

AURORA (explodindo em soluços) — Eu sou feliz! Ah, sou! Muito!

SILENE (na sua euforia) — E eu também! Você não pode ficar contra mim! (muda de tom) Mas deixa eu contar: ele é tão diferente dos outros! E tão bom que, imagina... (segura a mão da irmã) A mulher dele está doente e ele, vê só: é ele que dá banho, nela, todos os dias, com uma paciência! Imagina que a mulher está pesando 32 quilos. Quer dizer, só osso e pele!

(Batem do lado de fora.) ARLETE — Vocês abrem ou não abrem?

AURORA (entredentes) — Que chateação! (para Arlete, elevando a voz) Está no fim!

D. ARACY — Acabem com isso!

AURORA — Quando acabar eu chamo! (para Silene) Mas escuta — o que eu não entendo, e ninguém aqui entende, é como você, interna, sem sair, e foi acontecer isso!

Você conheceu o rapaz onde? ou já conhecia?

SILENE — Não conhecia.

AURORA — É do colégio?

SILENE — Você não conta pra ninguém?

AURORA — Juro!

SILENE — Mora perto.

AURORA — Continua.

SILENE — Papai não pode saber e Deus me livre! (muda de tom) Vizinho do colégio. O colégio dá fundos para a casa dele. Ele passava sempre pela calçada e, uma vez, me olhou. Também olhei e espia só: um olhar, sabe? que me

arrepiava! E uma boca que dá vontade de beijar!

AURORA — Bonito?

SILENE — Lindo! Parecido, sabe com quem? Aquele, como é mesmo o nome? Aquele!

AURORA — Qual?

SILENE — Estou com uma memória! O gângster de Lana Turner? o que a filha da Lana Turner matou! Stampanato, não: Strompanato! Apareceu lá uma revista e eu vi o retrato.

Parecidíssimo, só você vendo!

AURORA — E vocês se encontravam onde?

SILENE — O colégio lá é uma bagunça. A gente conversava no muro, que é meio baixo, O melhor você não sabe: ele era o dono da tal gata.

AURORA — Que gata?

SILENE — Que eu matei. E, um dia, eu pulei o muro e...

AURORA — Mas que perigo!

SILENE — Fomos para o quarto da empregada, que estava de folga. A mulher não sai da cama; fica em cima, com uma tia surda. Agora vou te contar uma coisa, que você não vai acreditar!

AURORA — Conta tudo!

SILENE (triunfante) — Eu pedi um filho a ele, eu! Ele não queria; disse "não vale a pena", mas eu sou teimosa e, finalmente... A culpada sou eu! (grave e adulta) E não me arrependo!

AURORA — Que falta de juízo!

SILENE — Eu disse que ele é diferente dos outros, porque tem a lágrima mais bonita, mais linda, que eu já vi!

AURORA (espantada) — Já chorou na tua frente?

SILENE (na sua felicidade irresponsável de menina) — Chorou, é maneira de dizer. Não chorou, propriamente. É que, lá no quarto, ele estava me beijando, me beijando e, de repente, começou a soluçar, depois foi parando e virou para o lado... E, então, eu quis espiar o seu olhar e vi uma lágrima, aqui, no cílio...

AURORA (atônita) — Uma lágrima?

SILENE (de novo feliz e irresponsável) — Uma lágrima só, parada, no cílio...

AURORA (veemente) — Ele é tudo pra ti?

SILENE (violenta) — Tudo!

AURORA — Então, eu vou salvar esse rapaz, tenho que salvar! (agarra a irmã) E chora por um olho só?

SILENE (de novo, deliciada) — E você sabe que quando ele passa, na calçada do colégio, as meninas dizem: "Lá vem o homem 'vestido de virgem'!"

AURORA (estupefata) — Repete!

SILENE — Vestido de virgem.

AURORA — Responde, que é importante: por que “vestido de virgem”?

SILENE — Porque só anda de branco, só usa terno branco!

AURORA (no seu espanto e na sua dor) — Anda de branco, só de branco e chora por um olho só!

SILENE (com súbita tristeza) — E só uma coisa me deixa meio assim: ele é casado e, naturalmente, não pode passar uma noite comigo, dormir uma noite comigo. Seria legal!

(com angústia) Mas você é mais feliz porque... Naturalmente, o teu namorado é solteiro, vai casar contigo, claro!

AURORA (taciturna) — Quem sabe?

SILENE (ainda mais sofrida) — E passará as noites a teu lado, que ótimo! (muda de tom) E, na última vez, fomos a um apartamento em Copacabana e... Ele tem um santinho no pescoço que...

AURORA (numa explosão) — Chega.

SILENE (atônita) — Por quê?

AURORA (na sua cólera contida) — Já sei de tudo! não preciso saber mais nada!

SILENE — Mas eu não te disse o nome dele. Vem cá!

AURORA — Não interessa o nome!

(Aurora encaminha-se para a porta.) SILENE (sem entender) — Tem um apelido gozado!

AURORA — Não quero saber, nem de nome, nem de apelido!

SILENE (atônita) — Mas eu confio em ti!

AURORA — Deixa pra lá! Escuta: você não me sai do quarto, não fala, não diz nada.

Resolvo tudo. Vou lá, invento um troço, digo que o homem viajou.

SILENE (humilde e súplice) — Aurora, você é um anjo! E olha: você vai ser madrinha do meu filho, que eu faço questão!

(Aurora sai do quarto. Passa para a sala.) “SEU” NORONHA — Como é?

AURORA — Já sei de tudo.

“SEU” NORONHA — E quem é?

AURORA — Papai, quem vai tratar desse caso sou eu. Ninguém se mete e, na ocasião, eu digo, pode deixar.

(Entra Débora.) DÉBORA (animada) — Ih, Aurora! Tem um camarada te procurando!

AURORA — Velho ou moço?

DÉBORA — De branco!

AURORA — Bibelot! (para “seu” Noronha) Papai, e vai depender da minha conversa com o Bibelot! Tenho cada uma pra te contar! (para Débora) Manda entrar!

DÉBORA (antes de sair) — Um estouro!

(Sai Débora.) AURORA — Eu apresento e já sabe: vocês caem fora, ouviu, papai?

(Entra Bibelot.) DÉBORA — Por aqui.

BIBELOT — Boas!

“SEU” NORONHA (efusivo) — Tenha a bondade, distinto! Pode entrar!

AURORA (para Bibelot) — Tudo bem?

BIBELOT — Tudo azul!

AURORA (apresentando) —.- Papai, aqui um amiguinho “SEU” NORONHA — Olha uma cadeira pra o distinto!

BIBELOT (para Hilda, que traz a cadeira) — Obrigado.

AURORA (numa apresentação geral) — Minhas, irmãs. (lembra-se de D. Aracy) Conhece minha mãe?

(Bibelot, que já estava sentado, levanta-se e vem cumprimentar a dona da casa.) BIBELOT — Minha senhora, satisfação!

D. ARACY — Mas sente-se!

“SEU” NORONHA — Até que eu estava contando, quando o distinto chegou, uma passagem que se deu comigo, muito interessante Hoje, foi hoje. Sou funcionário da Câmara há 25 anos. E hoje me queimei. Me queimei e fui lá, apresentar minha demissão.

E disse ao vice-presidente: “Quem tem filhas bonitas não precisa ser contínuo!” Ah, se ele me dá um pio, eu enfiava-lhe a mão na cara, com todas as imunidades! Porque comigo o buraco é mais embaixo!

D. ARACY — O senhor acha que foi negócio? com 25 anos de serviço?

BIBELOT — Depende.

“SEU” NORONHA — Gorda, não dá palpite! (para Bibelot) Bem, distinto, a casa é sua.

Esteja à vontade e... Vou ali... Com licença.

BIBELOT — Muito prazer (Saem todos.)

.

BIBELOT —Gorou nosso cinema!

AURORA — Que bom!

BIBELOT —Por quê?

AURORA — Prefiro ficar contigo, aqui, nós dois, sozinhos.

BIBELOT — Não posso.

AURORA (no seu dengue de fêmea) — Nem eu te pedindo?

BIBELOT (com sombria tristeza) — Está morrendo.

AURORA — Quem?

(Bibelot levanta-se. De costas para ela, num tom neutro, apenas informativo, conta.) BIBELOT — Ontem, começou a passar mal e chamei a Assistência. No Pronto Socorro, foi operada.

AURORA (sôfrega) — Tua mulher?

BIBELOT (sem ouvi-la) — Operada de úlcera. (com um cigarro entre os dedos) O médico abriu a barriga e fechou no mesmo instante.

AURORA — Por quê?

BIBELOT (quase com doçura) — Tudo podre por dentro.

AURORA — E não operou?

BIBELOT — Não era úlcera.

AURORA — Era o quê?

BIBELOT — Câncer Onde está o cinzeiro?

AURORA — Aqui.

(Bibelot põe, lá, o cigarro. Senta-se.) BIBELOT (numa cólera sem violência) — Bebia copinhos de leite. (muda de tom) Esses médicos são umas bestas! Tratavam o câncer a leite e papinha!

AURORA (numa felicidade que lhe custa dissimular) — Está tão mal assim?

BIBELOT — Desenganada.

AURORA (transfigurada de esperança) — Quer dizer que...

BIBELOT — Talvez não passe desta noite (com uma ternura mais sensível) O rosto é uma caveirinha e... Vive de morfina... Tem uma chaga em cada nádega, de tanta injeção.

(Aurora senta-se a seus pés. Repousa a cabeça nos seus joelhos.) AURORA (numa alegria contida) — Vais ficar solteiro.

BIBELOT — Viúvo.

AURORA — Ou viúvo.

BIBELOT — E não por muito tempo.

AURORA (lenta e maravilhada) — Como?

BIBELOT (já bocejando) — Não te disse que eu precisava ter sempre uma mulher em casa e outra na zona?

AURORA — Disse!

BIBELOT — Mais dia, menos dia, vou ter que me casar outra vez, claro!

(Aurora agarra-se a ele.) AURORA (com apaixonada humildade) — Diz que me ama!

BIBELOT (divertido) — Que piada é essa?

AURORA (suplicante) — Te custa dizer que me amas?

BIBELOT (do fundo do seu cansaço) — Hoje, não!

AURORA (incisiva) — Hoje, sim! (com um princípio de desespero) Tu me amas?

BIBELOT (levantando-se) — Tenho que ir.

AURORA (muda a violência em humildade) — Ainda não!

BIBELOT — Estou com sono, não durmo há duas noites e chega!

AURORA (suplicante) — Senta um momento, um instantinho só.

(Bibelot senta-se. Até ao fim da cena bocejará muito.) AURORA — Meu amor, escuta, eu tenho um motivo e olha: um motivo muito sério pra te perguntar isso... Te peço tão pouco, é uma palavra, •uma palavrinha e não custa... Diz que me ama e pronto, é o suficiente... (baixo e angustiada) Talvez certas coisas deixem de acontecer... (mais sofrida) Até hoje, nenhum homem chegou junto de mim e disse “te amo”!

BIBELOT — Estou com um bruto sono!

AURORA (levantando-se) (na sua cólera contida) — Quer dizer que você não diz?

BIBELOT (explodindo) — Aurora, não aporrinha!

(E, novamente, a cólera de Aurora se funde em sofrida humildade.) AURORA — Está bem. Então, vou te fazer outra pergunta. (acariciando -o no rosto e nos cabelos) Esta responde? responde?

BIBELOT — Que pergunta?

AURORA (tentando seduzi-lo) — Dá tua opinião: você acha que eu daria, enfim, que eu seria uma boa esposa, talvez?

BIBELOT (no seu espanto) — Esposa?

AURORA (trêmula, sem saber o que dizer) — Sim, uma mulher do lar?

BIBELOT (com alegre ferocidade) — Eu te quero na zona!

AURORA (recuando e num sopro de voz) — Cala a boca! Não diz mais nada! (cara a cara com o ser amado) Se há um momento em que você não pode me ofender, é este, este agora!

BIBELOT — Mas Aurora: olha a tua pinta! Chega, ali, no espelho! Faz favor!

AURORA (na sua fúria) — Você continua me humilhando!?

BIBELOT — É a verdade! (dá-lhe uma palmada estalada) Isso aqui ainda vai me dar muito dinheiro!

(Fora de si, Aurora agarra-o pela gola do paletó.) AURORA — Escuta aqui, seu cafetão!

(Bibelot empurra-a, violentamente.) BIBELOT — Fala, mas não me encosta a mão! Te dou, já, um bofetão que te quebro todos os dentes!

AURORA (contida e ofegante) — Mais uma pergunta, só. Já que eu não sirvo pra tua esposa...

BIBELOT (num espanto imenso e jocundo) Mas o quê? Você queria ser minha esposa?

(numa explosão) Espera lá! Brincadeira tem hora!

AURORA (histericamente) — Para de me ofender!

BIBELOT — Está bem. Faz a pergunta.

AURORA (ainda chorando) — Bem. E o seguinte: já que eu não sirvo, claro, pra esposa, você já escolheu a outra?

BIBELOT (com certo asco) —. A caveirinha ainda não morreu! Está na cama!

AURORA (com autoridade) — Responde!

BIBELOT — Pois lá escolhi, pronto!

AURORA — Quem é?

BIBELOT — E te interessa?

AURORA — Lógico!

BIBELOT (batendo outro cigarro) — Põe o cinzeiro aqui.

(Aurora coloca o cinzeiro a seu lado.) BIBELOT (cínico) — O que é mesmo que você perguntou?

AURORA — Debochado! (furiosa) Perguntei quem vai ser a tua nova esposa!

BIBELOT — O brotinho, o tal broto!

AURORA (fora de si) — Porque é que com tanta mulher, tanta menina e você vai escolher, meu Deus! (novo tom) Eu desconfiava! Tinha certeza!

BIBELOT — O interessante é que quando o médico me falou “câncer” pensei no broto!

AURORA — Muito bem, ótimo! Ela em casa e eu na zona! (com violência) E tu não tens medo que meu amor se transforme em ódio?

(Bibelot ergue-se.) BIBELOT — Vou indo, que estou vesgo de sono.

AURORA (mudando instantaneamente e já envolvente) — Tira um cochilo aqui!

BIBELOT — Aqui?

AURORA (súplice) — No meu quarto.

BIBELOT — E teu pai?

AURORA — O negócio aqui mudou outra vez, Papai não liga mais pra coisa nenhuma.

Depois te explico. Vem!

BIBELOT (estacando e com certa dor) — Mas a caveirinha está morrendo!

AURORA — Deita meia hora, quarenta minutos, BIBELOT — Mas não deixa de me chamar!

(Caminham para o quarto. Bibelot puxa o revólver. Tira as balas.) AURORA

— Com medo?

BIBELOT — Teu amor virou ódio, você pode me fazer uma falseta.. . (passa-lhe a arma, depois de embolsar as batas) Queres me matar? Mata!

(Aurora apanha o revólver.) BIBELOT (num riso forçado) — Atira, anda, aqui! no coração!

(Abre a camisa, na altura do peito. Aurora puxa o gatilho várias vezes. Bibelot arranca a camisa. Antes de se deitar beija o santinho.) BIBELOT — Daqui a uma hora me chama. E me beija.

(Aurora beija-o. Olha a fisionomia do amante. E, então, sem rumor, abandona o quarto.

Vai encontrar-se, na sala, com o resto da família.) AURORA (ofegante) — Você quer o homem que desgraçou Maninha? o homem que chora por um olho só! quer?

"SEU" NORONHA — Quero!

("Seu" Noronha arranca o punhal, no instinto da vingança.) AURORA — Está no meu quarto!

"SEU" NORONHA — Mas quem é?

AURORA — Bibelot. Dorme na minha cama. Vai.

("Seu" Noronha avança.) AURORA (para as outras) — Vamos.

D. ARACY (para uma delas) — Não faz barulho.

(Todas seguem o chefe da família. Entram no quarto. Por um momento, "seu" Noronha olha o rapaz adormecido. Ergue o punhal e o crava, até o cabo, no coração do Bibelot.

Este dá um arranco, um uivo estrangulado. Depois, tomba. Arqueja na sua agonia. Aurora cai de joelhos.) AURORA (num fundo gemido) — Meu amor, perdoa meu ódio!

(Arlete adianta-se.) ARLETE (sôfrega) —. Quero ver a lágrima da morte!

DÉBORA — Morreu!

(Arlete segura o rosto do rapaz.) ARLETE (no seu assombro) — Mas está chorando pelos dois olhos! (na sua histeria) São duas lágrimas!

HILDA (histérica também) — Papai! Não é o homem que chora por um olho só!

ARLETE (crescendo para o pai) — Assassino!

(As filhas avançam para o pai, que recua.) "SEU" NORONHA (já apertado pelo medo) — Mas ele merecia morrer, porque prostituiu Silene!

ARLETE (histérica) — Mentira! Quem prostituiu Silene foi você!

"SEU" NORONHA — Juro!

ARLETE (agarrando-o) — Mandou o gringo e, depois, o médico! (para as outras) Vocês!

ouçam o que eu nunca disse, o que eu escondia para mim mesma. (violenta, para o pai) Velho! Você mandou um deputado me procurar!

“SEU NORONHA (desesperado) — Não acreditem!

ARLETE — O deputado me disse: “foi seu pai ‘SEU” NORONHA (num apelo para D. Aracy) — Gorda, minhas filhas querem me destruir!

D. ARACY (fora de si) — Não me chama de Gorda! Não quero que me chamem de Gorda!

ARLETE (berrando) — Responde: eras tu que mandava os velhos para as outras?

DÉBORA — É verdade, papai?

ARLETE — Confessa, velho!

“SEU” NORONHA (apavorado) — Eu explico!

ARLETE (cega de ódio) — Fala!

“SEU” NORONHA (ofegante) — Eu fiz isso porque... E vocês se prostituíam para dar a Silene um casamento de anjo. (num repente feroz) E, além disso, você, (olha para Arlete e, depois, para as outras) ela beija mulher na boca!

ARLETE — Beijo mulher na boca para me sentir menos prostituta!

“SEU” NORONHA (novamente acobardado) — Perdão!

ARLETE (violenta) — Velho! Prostituíste tuas filhas e não choras? não chora por nós e por ti? Chora, velho!

“SEU” NORONHA — Estou chorando.

ARLETE (apertando o rosto do pai entre as mãos) — Deixa eu ver tua lágrima. . (lenta e maravilhada) Uma lágrima, uma única lágrima.. . (num berro triunfante) Velho! você é o demônio que chora por um olho só! Dá o punhal, velho! esse punhal! dá!

(Arlete toma-lhe o punhal. As outras agarram o velho.) ARLETE (feroz, erguendo o punhal) — O punhal no olhar da lágrima!

HILDA (berrando) — Larguem o meu pai! Assassinas!

(E, súbito, Hilda cai em transe mediúnico. Recebe o primo Alípio.) HILDA (com voz de homem) — Mata, sim, mata velho safado! Mata e enterra o velho e a lágrima no quintal! Velho safado!

FIM DO TERCEIRO E ÚLTIMO ATO